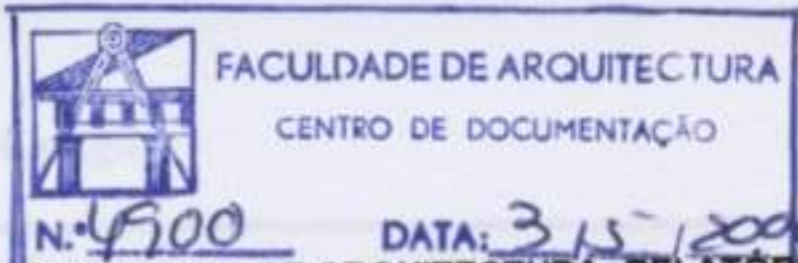


RE(ARQ)-92



FACULDADE DE ARQUITECTURA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

N.º 4500

DATA: 3.15.2000

ESTÁGIO CURRICULAR DA LICENCIATURA DE ARQUITECTURA: RELATÓRIO FINAL
FEVEREIRO 1999/ JULHO 1999

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
estagiária: CATARINA ALEXANDRA FRAGOSO REBELO ROGER DE SOUSA
n.º mecanográfico-2324

[Faint handwritten text, possibly describing the internship period and location]

[Faint handwritten text]

[Faint handwritten text, possibly describing the tasks performed during the internship]

[Faint handwritten text, possibly describing the results and conclusions of the internship]

[Faint handwritten text]

[Handwritten signature]
CATARINA ALEXANDRA FRAGOSO REBELO

[Faint handwritten text]

[Handwritten signature]





FACULDADE DE ARQUITECTURA

Universidade Técnica de Lisboa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO/BIBLIOTECA

Rua Prof. Cid dos Santos - Polo Universitário do Alto da Ajuda - 1349-055 Lisboa

Tel.(01)362 51 28 / 33 Fax.(01)362 51 38

Historial do Estágio

1- Nome do estagiário	CATARINA ALEXANDRA FRAGOSO REBELO ROGER DE SOUSA
2- Licenciatura	ARQUITECTURA
3- Entidade junto à qual fez o estágio; actividades; organização.	ATELIER DO CHIADO, arquitectos limitada Rua Nova da Trindade 1, 2º E 1200-301 LISBOA Td: 3473775 FAX: 3476892 INÍCIO DO ESTÁGIO: 01-FEVEREIRO-1999 ORIENTADORA: ARQUITETA CRISTINA SALVADOR <i>Cristina S. Loh</i>
4- Programa, cronograma (quando exigido) SUPERVISOR: ARQUITETO FERNANDO BAGULHO	Acompanhamento e assistência a 2 obras em curso. <i>Fernando Bagulho</i>
5- Resumo do relatório Intercalar. Parecer do Supervisor.	Promoquem os trabalhos de acompanhamento e assistência a duas obras. - Conduzida a fase de Projecto de Execução de Projecto de Recuperação e Alteração de um edifício de habitação no Bairro Alto - Participação nos concursos: equipa de Poknia, Portalegre e Termas de Nisa. - Participação no projeto de Reabilitação do edifício no Centro Histórico de Chaves.
6- Resumo do Relatório Final	Para além das actividades referidas no Relatório Intercalar, colaborarei no desenvolvimento de projectos desenvolvidos pelo Atelier do Chiado. Fim do 6 meses de estágio destaco os meus trabalhos que me pareceram mais significativos: Recuperação e alteração do edifício das Escolas brancas (assistência à obra); Recuperação e alteração do edifício da Rua da Paz (Projecto de execução); Projecto de reabilitação urbana para Chaves (Estudo Prévio, Projecto Base); Projecto para licenciamento comarçário de Alteração de Edifício no centro histórico de Évora e Projecto para serviço de Apoio / Área de Convívio, Cabinda (Est. Prévio e Proj. de execução). A participação em projectos de natureza diferente e em fases distintas permitiu a aproximação a diferentes aspectos da prática profissional.
7- Parecer do Orientador	BOA INTEGRAÇÃO NA EQUIPA DE PROJECTO, CRIATIVIDADE, SENSIBILIDADE, EMPENHAMENTO NO TRABALHO E DOMÍNIO DAS TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO GRÁFICA. <i>Cristina S. Loh</i> ATELIER DO CHIADO Arquitectos, Lda. O Gerente
8- Parecer do Supervisor	PROPONHO QUE O ESTÁGIO SEJA ACEITE COM MÉRITO, CONFORME PARECER QUE ANEXO LISBOA 26 de NOVEMBRO DE 1999 <i>Fernando Bagulho</i>
9- Parecer do Júri (quando exigido)	
10- Síntese do Historial e parecer Final	O Estagiário cumpre todos os requisitos do Regulamento de Estágio pelo que se considera concluído o processo. Gub. Estágio Arq. A. Loh

FERNANDO BAGULHO
arquitecto

Nome do estagiário: **Catarina A. Fragoso Rebelo Roger de Sousa**
Licenciatura: **Arquitectura**
Período de estágio : **01 de Fevereiro a 31 de Julho de 1999**
Entidade hospedeira: **Atelier do Chiado Arquitectos Ld^a**
Arquitecto Orientador **Cristina Salvador**
Arquitecta

AVALIAÇÃO DE ESTÁGIO

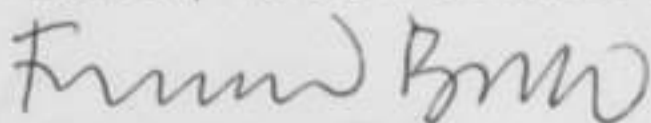
O Estágio Curricular de cariz profissionalizante encerra o Plano de Estudos da Licenciatura em Arquitectura da F.A.U.T.L., tem duração de seis meses e está actualmente enquadrado pelo Regulamento de Estágios aprovado pelo Conselho Pedagógico em 20 de Outubro de 1998.

A Estagiária frequentou a aula de Projecto I no ano académico de 95/96 com minha assistência, entrando no ano seguinte para o atelier, integrando a equipa de projecto e desenvolvendo actividades compatíveis com as suas actividades académicas, pelo que o Estágio não veio a constituir qualquer rotura na prática que vinha desenvolvendo anteriormente.

Mantive uma relação de trabalho permanente com a Estagiária, fundindo a posição de arquitecto "senior" coordenador da equipa de projecto com a de Orientador e/ou Supervisor de Estágio, servindo a oportunidade para reflexão sobre a prática e o exercício específico de determinados actos do ofício (relação com a obra e cadeia de transmissão da informação técnica à obra, questões que a universidade não pode, ou não quer, abordar).

Pela competência definida no nº 1 do Artigo 8º do Regulamento de Estágios, reunidos os elementos a que refere o nº 2 do mesmo Artigo 8º, tomando por base o Parecer da Orientadora que subscrevo, entendo que o Estágio da **Catarina Alexandra Fragoso Rebelo Roger de Sousa** satisfaz os objectivos expressos no Artigo 2º do Regulamento, destacando do Parecer que "a boa integração na equipa,..criatividade, sensibilidade, empenhamento no trabalho e domínio das técnicas de representação gráfica, demonstram a sua capacidade e preparação para a prática profissional e constituíram um bom contributo ao desenvolvimento do trabalho neste atelier", pelo que, usando a forma a que refere a alínea a) do nº 3 do Artigo 8º do regulamento em vigor, proponho que o Estágio seja "Aceite com Mérito".

Lisboa, 19 de Novembro de 1999



Fernando Bagulho
assistente convidado

Cristina Salvador

Atelier do Chiado Arquitectos Lda

APRECIÇÃO DO ESTÁGIO DE CATARINA ALEXANDRA FRAGOSO REBELO ROGER DE SOUSA

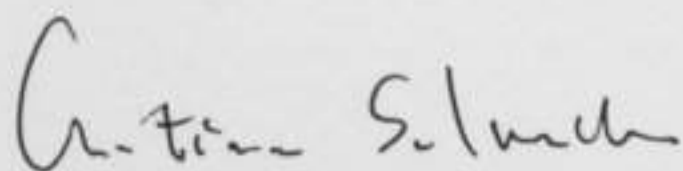
Catarina Alexandra Fragoso Rebelo Roger de Sousa efectuou o Estágio Curricular da Licenciatura de Arquitectura no Atelier do Chiado Arquitectos, Lda ao abrigo do protocolo celebrado, nos termos do nº 2 do artº 14 do despacho Conjunto nº 482/98 de 24 de Julho.

Durante o período de estágio, que decorreu entre Fevereiro e Julho de 1999, procedeu ao acompanhamento e participação na execução de diversos estudos, projectos e assistência técnica de obras, designadamente:

- recuperação e alterações de uma habitação em Alfama;
- reabilitação urbana no Centro Histórico de Chaves;
- recuperação e alterações de um edifício de habitação no Bairro Alto;
- concurso do complexo termal em Nisa;
- alteração de edifício de habitação e comércio em Évora;
- centro de apoio/ área de convívio para o pólo universitário de Cabinda.

A boa integração na equipa de projecto, bem como a sua criatividade, sensibilidade, empenhamento no trabalho e domínio das técnicas de representação gráfica, demonstraram a sua capacidade e preparação para a prática profissional e constituíram um bom contributo ao desenvolvimento do trabalho deste atelier durante o tempo em que decorreu o estágio.

Lisboa, 21 de Setembro de 1999



Cristina Salvador

ESTÁGIO CURRICULAR DA LICENCIATURA DE ARQUITECTURA: RELATÓRIO FINAL
FEVEREIRO 1999/ JULHO 1999

FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
estagiária: CATARINA ALEXANDRA FRAGOSO REBELO ROGER DE SOUSA
nº mecanográfico-2324

local de estágio: ATELIER DO CHIADO, architectos, Lda
orientadora: ARQ. MARIA CRISTINA PINTO DA FRANÇA SALVADOR BAGULHO
supervisor: ARQ. FERNANDO ALBERTO NUNES DA SILVA BAGULHO

ÍNDICE

1. Introdução

2. Três trabalhos

- ocupação e alterações de uma habitação em Alorna
- reabilitação urbana no centro histórico de Chaves
- reabilitação e alterações de um edifício de habitação no Bairro Alto
- concurso para um complexo comercial em Vila
- alteração de edifício de habitação e comércio em Évora
- estudo de zona de actividade para o pólo universitário de Coimbra

3. Conclusão

O presente trabalho insere-se no estágio curricular da licenciatura de arquitectura por mim realizado durante um ano no Atelier do CHAVE. O estágio decorreu no período compreendido entre 1 de Fevereiro de 2004 a 31 de Janeiro de 2005.

A arquitecta Cristina Salvador e o arquitecto Fernando Bugalho são os autores e responsáveis dos trabalhos do atelier, sendo a arquitecta Cristina Salvador a minha orientadora de estágio. A minha actividade foi bastante diversificada durante este tempo pelos dois responsáveis dos

ÍNDICE:

1. Introdução

2. Seis trabalhos

- recuperação e alterações de uma habitação em Alfama
- remodelação urbana no centro histórico de Chaves
- recuperação e alterações de um edifício de habitação no Bairro Alto
- concurso para um complexo termal em Nisa
- alteração de edifício de habitação e comércio em Évora
- centro de apoio/ área de convívio para o pólo universitário de Cabinda

3. Conclusão

Quanto aos trabalhos do estágio tenho realizado a participação em três trabalhos, dois dos quais de carácter mais teórico e o terceiro de carácter mais prático. No primeiro trabalho de carácter teórico, realizei um projecto de recuperação de um edifício de habitação em Alfama. No segundo trabalho de carácter teórico, realizei um projecto de remodelação urbana no centro histórico de Chaves. No terceiro trabalho de carácter prático, realizei um projecto de recuperação e alterações de um edifício de habitação no Bairro Alto.

De todos os trabalhos realizados, selecionei os seis trabalhos que considero mais importantes:

- projecto de recuperação e alterações de uma habitação em Alfama (acompanhamento e assistência à obra)
- projecto de remodelação urbana no centro histórico de Chaves (estudo prévio e projecto base)
- projecto de recuperação e alterações de um edifício de habitação no Bairro Alto (projecto de recuperação)
- projecto para um complexo termal em Nisa (concurso público)
- projecto de alteração de edifício de habitação e comércio em Évora (projecto de licenciamento municipal)
- projecto para um centro de apoio/ área de convívio para o pólo universitário de Cabinda (estudo prévio e projecto de recuperação)

O presente relatório refere-se ao estágio curricular da licenciatura de arquitectura por mim realizado durante seis meses no Atelier do Chiado. O estágio decorreu no período compreendido entre 1 de Fevereiro e 31 de Julho de 1999.

A arquitecta Cristina Salvador e o arquitecto Fernando Bagulho são os autores e coordenadores dos projectos do atelier, sendo a arquitecta Cristina Salvador a minha orientadora de estágio. A equipa de projecto do atelier constituiu-se durante este tempo pelos dois coordenadores dos projectos, por três arquitectos e por duas estagiárias para além da colaboração pontual de outros elementos. A composição da equipa de cada projecto varia consoante as necessidades internas do atelier.

Durante o período em que decorreu o estágio participei em alguns dos projectos do atelier nas áreas da Arquitectura e do Urbanismo. A colaboração em projectos de natureza distinta e em fases de projecto diferentes permitiu uma melhor compreensão das especificidades e do desenvolvimento de cada projecto.

Apesar de já haver colaborado em projectos dentro desta estrutura de trabalho antes do início do estágio, a experiência de trabalho diário e a tempo inteiro possibilitou uma aproximação mais real à prática profissional. O exercício do projecto foi agora complementado com outras actividades também próprias da profissão do arquitecto, nomeadamente com o contacto com os técnicos das especialidades, com os clientes, com o mercado da construção, com todos os elementos intervenientes numa obra (fiscalizações - da obra e dos gabinetes camarários -, empreiteiros e mestres de obra, técnicos das especialidades, técnicos de instalação de infra-estruturas) e com a consciencialização de alguma da legislação que rege a prática da arquitectura.

Durante estes meses de estágio tinha previsto a participação em três trabalhos, dois dos quais de acompanhamento e assistência a duas obras e um terceiro, num projecto de execução de um edifício de habitação. No entanto o trabalho do estágio ultrapassou largamente essa perspectiva uma vez que pude participar noutros projectos, situação que considerei bastante positiva e enriquecedora do conteúdo do estágio.

Da minha actividade enquanto estagiária seleccionei os seis trabalhos que considero mais significativos:

- projecto de recuperação e alterações de uma habitação em Alfama (acompanhamento e assistência à obra)
- projecto de reabilitação urbana no centro histórico de Chaves (estudo prévio e projecto base)
- projecto de recuperação e alterações de um edifício de habitação no Bairro Alto (projecto de execução)
- projecto para um complexo termal em Nisa (concurso público)
- projecto de alteração de edifício de habitação e comércio em Évora (projecto de licenciamento municipal)
- projecto para um centro de apoio/ área de convívio para o pólo universitário de Cabinda (estudo prévio e projecto de execução)

Destes procurarei fazer uma exposição nas páginas seguintes com um relato escrito e com a apresentação de algumas peças do projecto, estudos e fotografias. Os estudos são peças desenhadas por mim, geralmente na perseguição de uma ideia dos coordenadores dos projectos. Os desenhos finais que aqui apresento (em tamanho reduzido) são os desenhos que estiveram sob a minha responsabilidade (total ou parcial), sob a orientação dos autores dos projectos. Tentei, sempre que possível, completar com comentários escritos a informação dos desenhos que, por estarem num tamanho reduzido relativamente ao original, perdem alguma informação.

Julgo que pela leitura deste elementos é possível fazer-se uma análise das actividades desenvolvidas durante o estágio, ficando enunciados os benefícios e as dificuldades que daí advieram.

1991 - ANTONIO CARLOS FERREIRA DE MOURA DE MOURA
1992 - FERNANDO ALVES DE MOURA
1993 - ANTONIO CARLOS FERREIRA DE MOURA

SEIS TRABALHOS

obra: RESTAURO E ALTERAÇÕES EM EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
local: ESCOLAS GERAIS, 6, LISBOA
fase: ASSISTÊNCIA À OBRA



Um momento de fadiga cometeu um dia morto para não deixar nada aberto para a obra com quinze anos. Na altura gostei de trabalhar e até me lembro de me divertir a fazer um desenho numa planície. Agora não-tem-se as planícies. Quando penso nos primeiros dias do trabalho - lembro-me de ter a impressão sobre a mão, sobre a cabeça uma espécie de... No princípio tivemos [as duas estações da obra] abertas com alguma dificuldade, talvez por termos as mãos rasas (as por as pinças). Mas a nossa presença dependia do clima no meio da obra da obra.

Estávamos lá, quase todos os dias, a trabalhar no terreno, mas não de qualquer forma como a palma da mão. Percorria os terrenos, desenterrar para saber se se encontrava uma das coisas, saber aqui para descer mais cedo, trazer pedras, pedras, pedras... Já pensava por aqui, parece que dentro a vida, sobre do trabalho, sempre na cabeça, quando com o plano, e a cabeça se fora, aquele do lado, que tem que se vive aqui, ainda não já foram muitas coisas pequenas, foram-se comprando, sempre parecia e a casa alargada, por baixo ainda há vontade, aqui se não tinham, e não se tinham e não, quando com os princípios, e não não estava lá - até já se não tinham que se magoou numa parte mesmo não sendo um novo, não tinha.

No momento de não estar sentadas e criaturas o gosto de viver na obra, de estar nos trabalhos ao nível de chegar ao mundo, percorrer a obra para a construção, trabalhar para as técnicas, aprender os princípios que dominam a obra, aprender a trabalhar, aprender o que o resto dos pontos envolvidos (como de não, aprender a trabalhar, trabalhar, trabalhar) no processo de obra, aprender a trabalhar na obra, aprender a trabalhar, trabalhar, trabalhar e ser sentadas. Desde voltar para o atelier - nos dias de não saber bem e a não, aprender para ver alguma coisa para não aprender, uma vez trabalhar a cobertura do Mosteiro de S. Vicente da Foz, do lado interior, sempre enfiados, todos em pedra, tudo branco como que dentro de chuva e uma vida interior. Era preciso fazer a vida da obra (segundo os planos) aprender para não aprender nada e porque a obra é a obra, não se aprende nada e não se aprende porque a obra não se aprende nada, aprender é aprender, ainda para quando não se aprende o terreno. No atelier jogamos a mão com o coordenador da obra, quando as prioridades, trabalhamos as prioridades urgentes (como de toda a urgência do processo) e, finalmente, começamos a preparar o trabalho da obra procurando as soluções que orientam a execução dos trabalhos urgentes. Sob a orientação do coordenador da obra foram desenvolvidos os trabalhos urgentes, alguns desenvolvidos, não obstante sempre a recuar, à medida que foram feitas as obras e as prioridades se alteravam.

Quanto ao espaço de um edifício com uma longa história de existência, cada visita possibilita algumas surpresas, cada novo problema surge que se confirmam as ideias na vida antes da elaboração de alguma solução. Isto porque grande parte das ideias que consistiam nos inventamentos do atelier (que já tinha alguma coisa) já se tinham desenvolvido anteriormente, muitas das ideias antes de entrar a obra.



Um assistente da faculdade comentava um dia numa aula que tinha sido atirado para a obra com quinze anos. Na altura gostei da expressão e até me lembro de me divertir a fazer um desenho dessa situação. Agora roubo-lhe as palavras. Quando penso nos primeiros dias do estágio lembro-me de ter a impressão estar a ser, agora eu, atirada para aquela obra. Ao princípio éramos (as duas estagiárias da obra) olhadas com alguma curiosidade, talvez por sermos as mais novas que por ali paravam. Mas a nossa presença depressa se diluiu no meio da correria da obra.



Estranha casa, quase labiríntica com percursos ao princípio confusos, mais tarde tão familiares como a palma da mão. Percorrer os corredores, deambular pelos salões que se sucedem uns aos outros, subir aqui para descer mais além, transpor portas, portinhas, portinholas, já passei por aqui, parece que demos a volta, sai-se do terraço, entra-se na cozinha, cuidado com o piano, e a cidade lá fora, aquele rio todo, que bem que se vivia aqui, afinal isto já foram muitas casas pequeninas, foram-se comprando, abrindo paredes e a casa alargando, por baixo ainda há vizinhos, aqui ao lado também, o pátio das cantigas é acolá, cuidado com os precipícios, o chão não estava lá - até houve um engenheiro que se magoou numa perna mesmo não sendo um novato nesta matéria.

As reuniões de obra eram semanais e constituíam o ponto de viragem da semana. Depressa nos habituámos ao ritual de chegar de manhã, percorrer a obra para a obrigatória inspecção geral aos trabalhos, apontar os problemas que entretanto surgiam, fotografar, registar o que o resto das pessoas envolvidas (dono de obra, engenheiros das especialidades, fiscalização, empreiteiro) no processo nos diziam, apresentar/ transmitir as novas decisões de projecto, esclarecer dúvidas e ser esclarecida. Depois voltar para o atelier - nos dias de sol sabia bem ir a pé, aproveitar para ver qualquer coisa nova pelo caminho, uma vez subimos à cobertura do Mosteiro de S. Vicente de Fora, um lugar incrível, terraços enormes, todos em pedra, tudo branco como que lavado da chuva e uma vista imensa. Era preciso fazer a acta da reunião (segundo um modelo acordado) para não esquecer nada e porque a obra é manhosa, convém apontar tudo e tudo guardar porque a tendência para aparecerem mal-entendidos é grande, ainda mais quando não se conhece o terreno. No atelier seguia-se a reunião com o coordenador do projecto, definiam-se prioridades, elaboravam-se as respostas urgentes (dentro de toda a urgência do processo) e, finalmente, começávamos a preparar o trabalho da semana procurando as soluções que orientariam a execução dos desenhos seguintes. Sob a orientação do coordenador do projecto foram aparecendo os desenhos, alguns demoravam, num constante avançar e recuar, à medida que o trabalho assim o exigia ou as vontades se alteravam.



Como se tratava de um edifício com uma longa história de existência, cada visita trazia normalmente algumas surpresas: cada novo problema exigia que se confirmassem as medidas na obra antes da elaboração de alguma solução. Isto porque grande parte das medidas que constavam dos levantamentos do atelier (que já tinha alguns anos) já se haviam modificado entretanto (muitas das paredes eram de pedra e durante a obra foram-se desfazendo). Como a obra estava em fase de acabamentos, esta confirmação era essencial para que não se produzisse trabalho inútil.

Num desses dias de visita à obra foi preciso descer ao saguão para fazer as marcações da lavanderia. Com alguma apreensão e depois de compreender que algumas das palavras que fazem parte do nosso quotidiano (como *perpendicular*) não faziam ali sentido nenhum, lá vimos aparecer no chão o desenho que na noite anterior saíra pela impressora. Mas agora era ao vivo, estava ali marcado com riscos azuis. "Ó Zé, bate a fita" e o risco de pó azul lá ficava desenhado. A seguir, a marcação do nível com a mangueira transparente com água, era óbvio que só poderia ser assim, nada mais elementar (eu é que ainda nunca tinha visto). Num outro dia pudemos ouvir uma elucidante explicação de um mestre carpinteiro que estava a fazer os ensaios para as janelas e que nos explicou como era feita a transição da informação do desenho para a realidade. Foi também importante a tomada de consciência das normas de segurança exigidas em obra (de que deveríamos dar exemplo, uma vez que estas não são cumpridas por grande parte dos presentes) e de alguns aspectos legais, como os que dizem respeito ao preenchimento do livro de obra.

A pouco e pouco fomos sentindo a obra a avançar, mesmo depois do choque de ver as paredes já levantadas todas esburacadas com os roços para as instalações técnicas, como se por lá tivesse passado uma toupeira. O trabalho nesta obra complicada - uma obra traz sempre surpresas, especialmente quando se trata de uma intervenção num edifício antigo - possibilitou uma aproximação aos problemas da profissão bem distinta daquela dos cinco anos de faculdade.

Quando entrámos em cena já se tinham passado alguns anos desde que este processo se tinha iniciado. Aquilo que já conhecia de fotografias, relatos e desenhos passei a conhecer de dentro, fui mais uma dos tantos que por lá passaram por aquele processo, tão fascinante como angustiante, tão contraditório como compensador. A obra ainda não está terminada. Numa visita ao atelier no princípio do Verão, o dono desta obra disse-nos, quase em segredo, que considerava a hipótese de comprar mais uma parcela, outro bocado de casa que, tinha ouvido dizer, estava à venda...



LEGENDA DAS FOTOGRAFIAS:

1. DA JANELA DE UMA DAS SALAS
2. A MESMA, JÁ NO FIM DA OBRA
3. A CASA SEM PAVIMENTOS, APENAS PONTES
4. ENSAIO DE CARPINTARIA
5. UM DOS ÓCULOS DA ESCADA PARA O PISO 4

OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA
FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

ASSUNTO: DESENHO 34 - DESENHO DE PAVIMENTOS
 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO ACOMPANHAMENTO DA SUA EXECUÇÃO EM OBRA
 1 - ASPECTO GERAL DOS TRABALHOS DE PREPARAÇÃO PARA ASSENTAMENTO DO SOLHO
 2 - IDEM
 3 - DETALHE: CASAMENTO DA ESTRUTURA PRINCIPAL (METÁLICA) COM ESTRUTURA DE MADEIRA PARA ASSENTAMENTO DO SOLHO
 4 - O CORREDOR DA FOTOGRAFIA 1 COM O PAVIMENTO ACABADO



1



2



3



4



CENTRO DE ESTUDOS DA OBRA	
Rua da Restauração, 134, 1250-080 Lisboa Tel. 213 411 200 Fax 213 411 201 e-mail: info@ceobras.com	
Autor: Fernando Bagulho Escala: 1:50 Data: 1999	Nº: 34 Folha: 1 de 1

OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
 LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA
 FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA

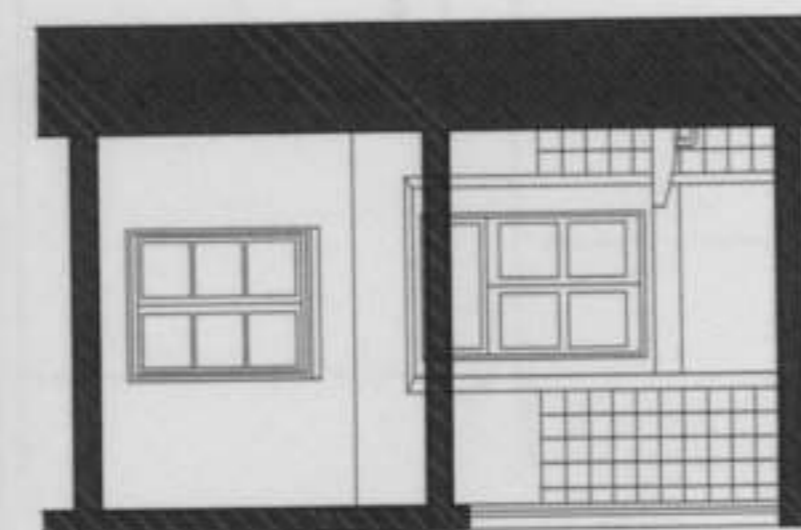
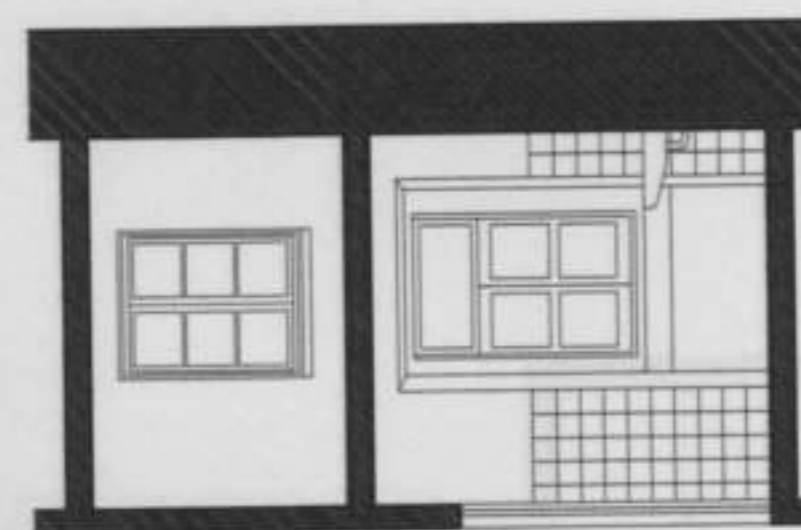
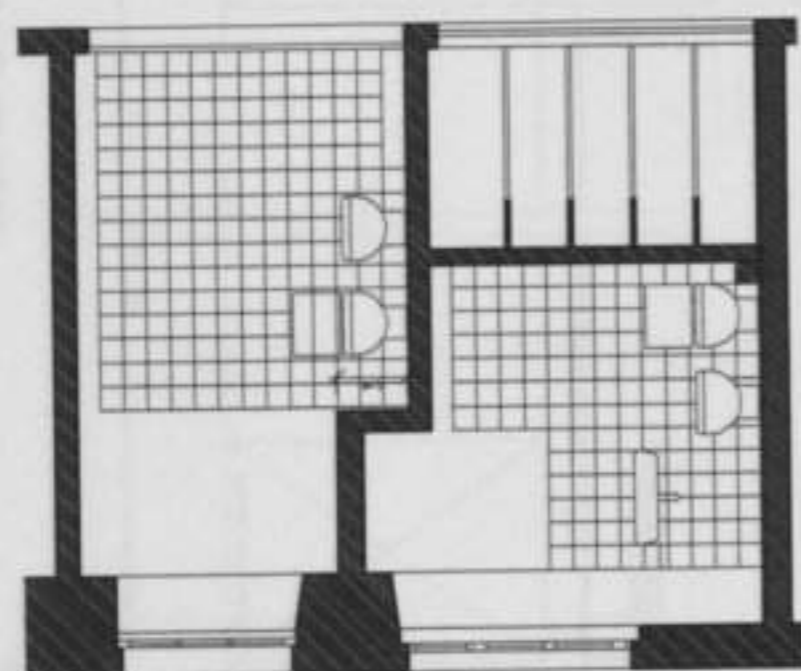
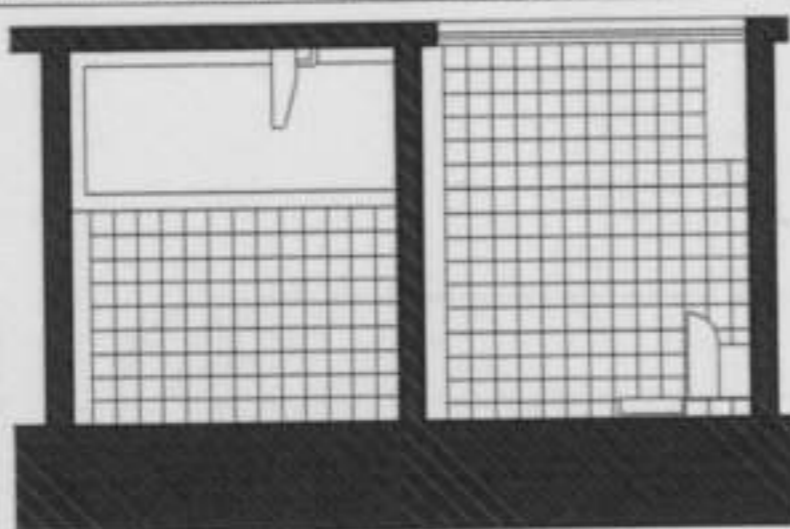
COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
 EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
 DATA: FEVEREIRO 1999/ ABRIL 1999

ASSUNTO: DESENHO 35 - COMPARTIMENTOS 12 (DESPENSA), 17 E 22 (INSTALAÇÕES SANITÁRIAS)
 -DEFINIÇÃO DAS POSIÇÕES DAS LOUÇAS SANITÁRIAS PARA PREPARAÇÃO DOS TRABALHOS DE ABERTURA DE ROÇOS/ INSTALAÇÃO DAS INFRAESTRUTURAS TÉCNICAS.
 -A INCOMPATIBILIDADE DO NÍVEL DA LAJE INTERMÉDIA COM A EXISTÊNCIA DE UMA JANELA ALTA NA I.S. DO PISO INFERIOR FOI RESOLVIDA COM UM RESSALTO CONSTRUÍDO EM VIROC COM ESTRUTURA DE MADEIRA. O COMP. DO PISO INFERIOR PASSOU A TER UMA ZONA DE PÉ DIREITO MAIOR - ONDE SE COLOCOU O LAVATÓRIO. NO PISO SUPERIOR O RESSALTO FORMOU UMA BANCADA DE APOIO, NUM PLANO BRANCO JUNTO À JANELA.

LEGENDA: 1- ESTUDO PARA O RESSALTO
 2, 3- FOTOGRAFIAS DA INSTALAÇÃO DE INFRA-ESTRUTURAS (ESGOTOS E ÁGUAS)



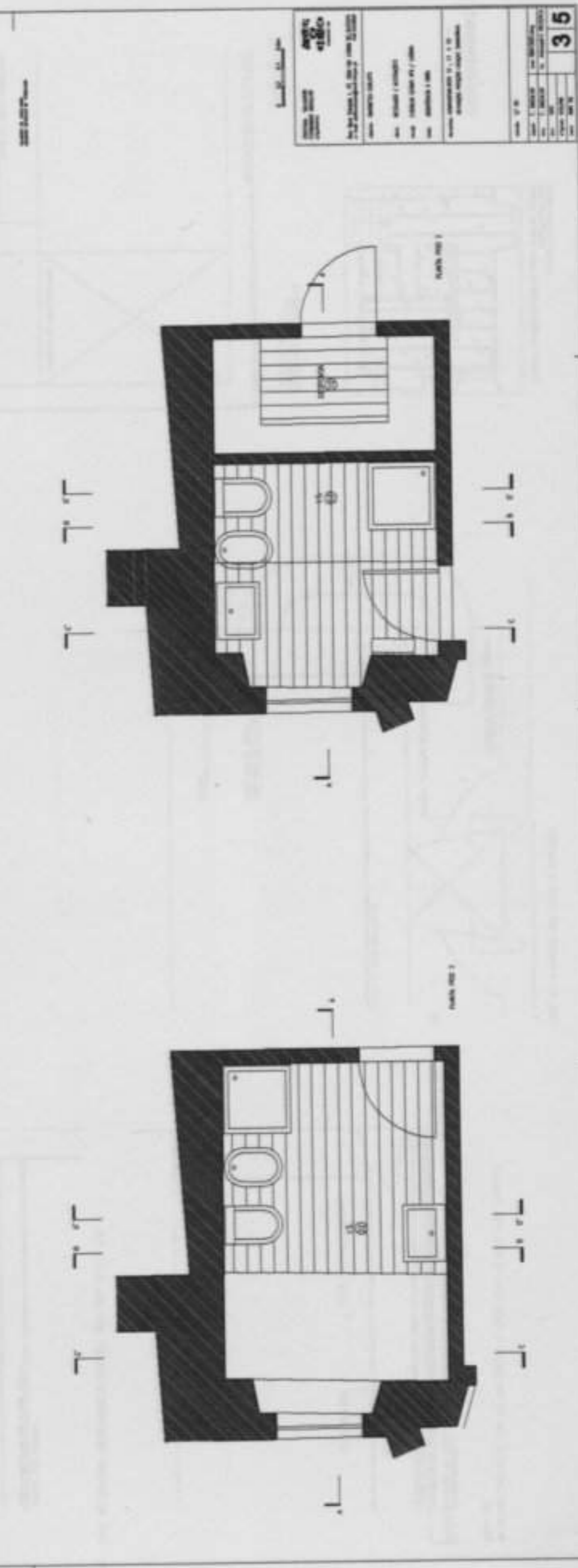
1.



2.



3.



OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
 LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA
 FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
 EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CÁTARINA SOUSA
 DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

ASSUNTO: DESENHO 36 – DESENHO DE PORMENORES CONSTRUTIVOS A ESCALA NATURAL
 ESTUDO E SEQUÊNCIA FOTOGRÁFICA DA EVOLUÇÃO EM OBRA DO RESSALTO REFERIDO NA PÁGINA ANTERIOR

LEGENDA: 1 – ESTUDO PARA O RESSALTO
 2 A 5 – LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
 A INTERVENÇÃO DO DONO DA OBRA NA ESCOLHA E COLOCAÇÃO DE ALGUNS ACABAMENTOS (COMO NO CASO DOS AZULEJOS) ANULOU ALGUMAS INTENÇÕES DO PROJECTO – NOMEADAMENTE NA DISTRIBUIÇÃO DA (POUCA) LUZ NATURAL DESTES COMPARTIMENTOS

1
 2
 3
 4
 5

PORMENORES DO GABARRAL EXISTENTE NO PORMENHO DO COMP. 20 / TELHEO DO COMP. 17

EST. DO PORMENHO COM ALCANTARAS

EST. DO PORMENHO COM ALCANTARAS

EST. DO PORMENHO COM ALCANTARAS

EST. DO PORMENHO COM ALCANTARAS

EST. DO PORMENHO COM ALCANTARAS

EST. DO PORMENHO COM ALCANTARAS

CORTES 360

CORTES 363

PROJ. GERAL ESCOLA GERAIS, 6 / LISBOA FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999	
N.º DE PLANOS: 1 N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1 N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1	
N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1 N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1 N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1	
N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1 N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1 N.º DE PLANOS EM ABRIL: 1	

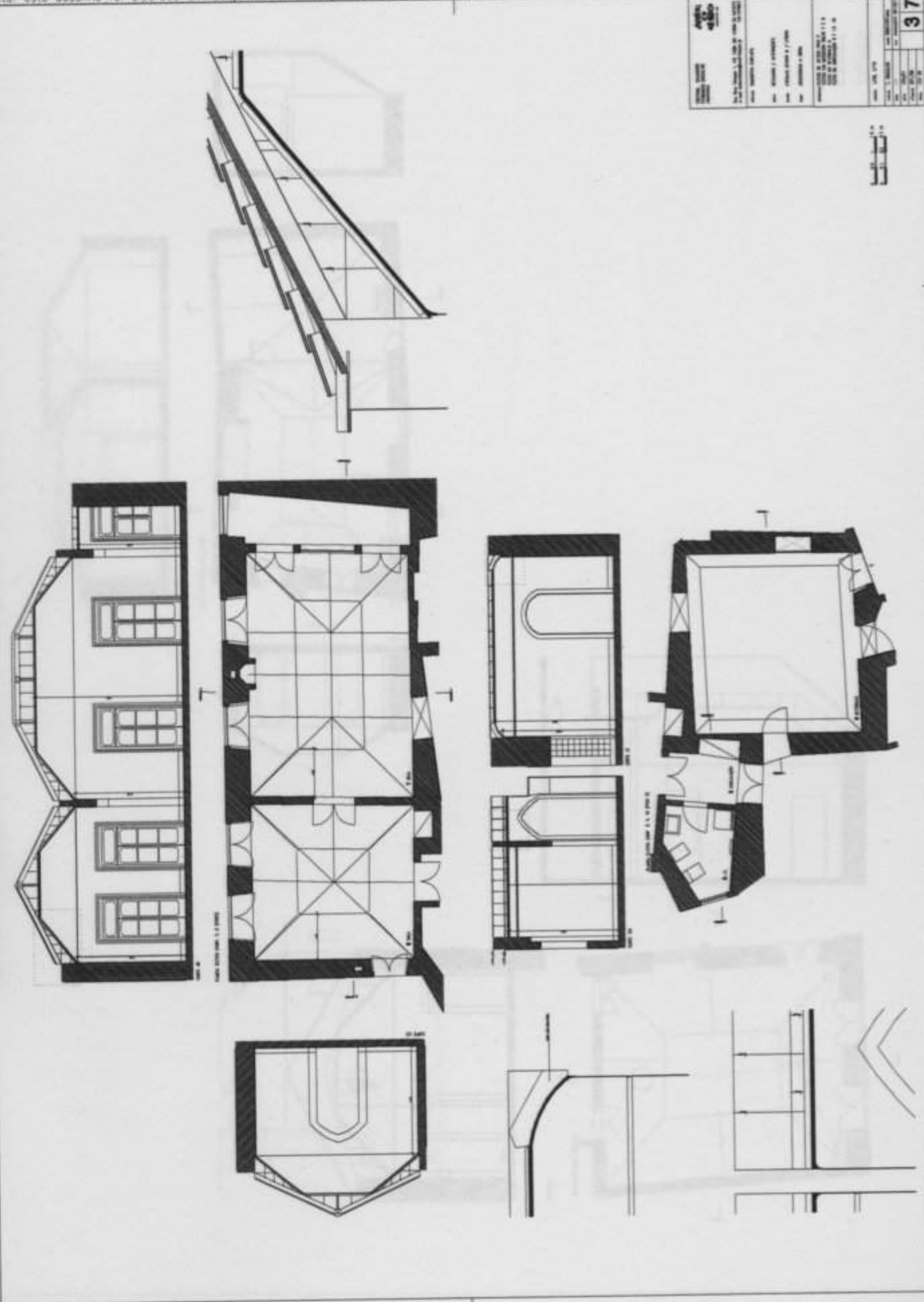
36

OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
 LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA
 FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
 EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
 DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

ASSUNTO: DESENHO 37 - TECTOS DE MASSEIRA
 A IMPOSSIBILIDADE DE SE MANTEREM AS COBERTURAS ORIGINAIS COM ESTRUTURA DE MADEIRA E A SUBSTITUIÇÃO DESTA POR ESTRUTURA METÁLICA (PROCESSO QUE NÃO ACOMPANHEI, SÓ EM REGISTOS FOTOGRÁFICOS ANTERIORES) PERMITIU QUE ALGUNS DOS DOS ESPAÇOS TENHAM SIDO BENEFICIADOS COM UM NOVO DESENHO DE TECTOS. A PERDA DA DOÇURA DO IRRECUPERÁVEL MOVIMENTO DAS COBERTURAS - QUE ESTAVAM PRESTES A ENTRAR EM COLAPSO - FOI EM PARTE COMPENSADA COM O CONSIDERÁVEL AUMENTO DE VOLUME RESULTANTE DA NOVA GEOMETRIA DOS TECTOS.

LEGENDA: 1 A 5- LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DA EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO DOS TECTOS DE MASSEIRA
 nota: este desenho foi elaborado em conjunto com a Filipa Tomaz sob orientação do coordenador do projecto.



Nome do Projecto: Nº do Projecto: Nº da Planta: Escala: Data:	Nº da Folha: Nº de Folhas: Data:
37	

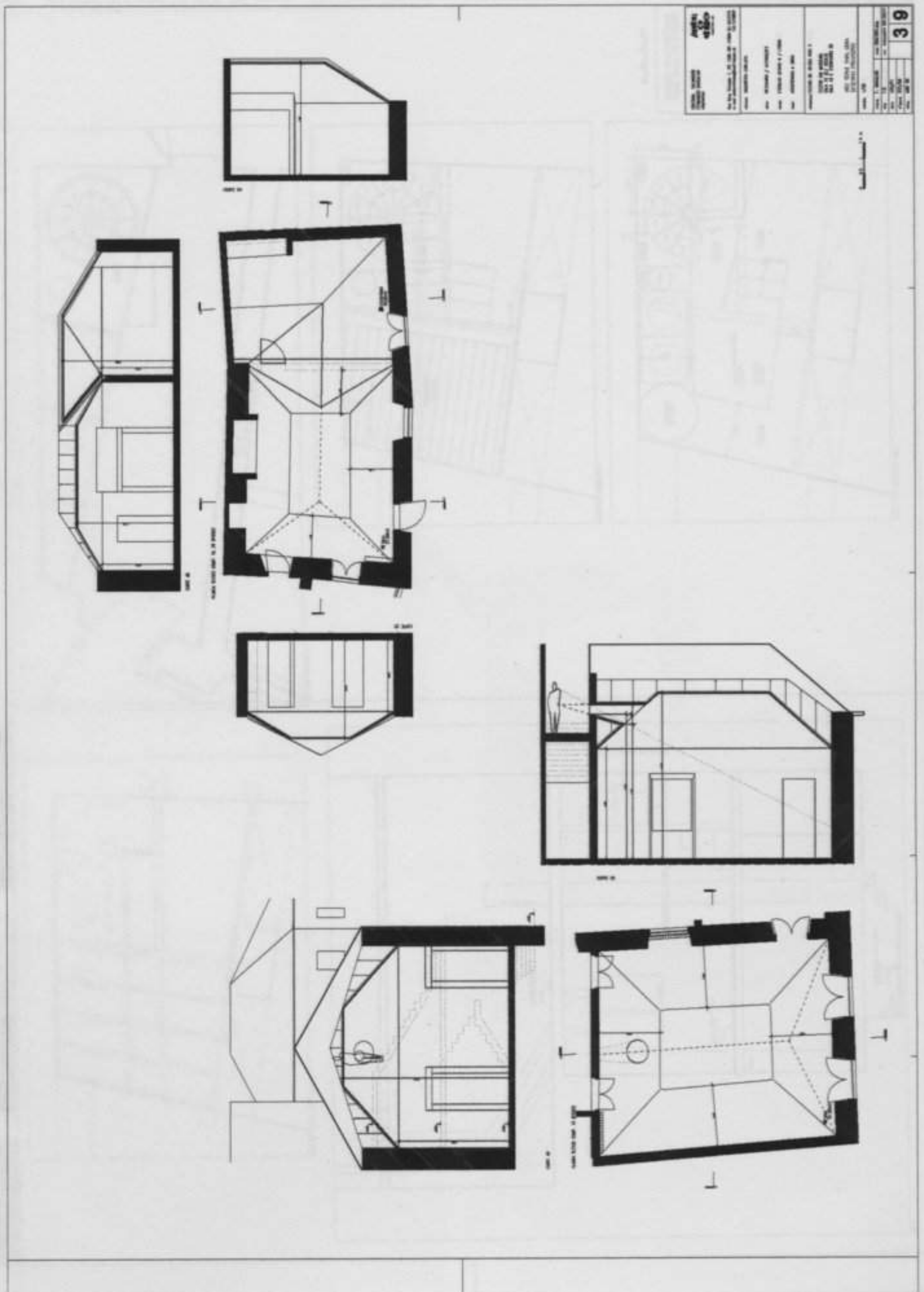


OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA
FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

ASSUNTO: DESENHO 39 - TECTOS DE MASSEIRA
QUANDO SURTIU A DÓVIDA DE COMO SE ESCREVA MASSEIRA, FOMOS TENTAR SABER A ORIGEM DA PALAVRA. MASSEIRA É O NOME DADO AOS RECIPIENTES ONDE SE AMASSA A FARINHA PARA SE FAZER PÃO - SÃO RECIPIENTES COM A BOCA E O FUNDO RECTANGULARES, COM A BOCA MAIS LARGA QUE O FUNDO. O TECTO DE MASSEIRA TEM A FORMA DE UM DESTES RECIPIENTES EM POSIÇÃO INVERTIDA. FORAM CONSTRUÍDOS EM GESSO CARTONADO, FIXOS POR FINOS CABOS A UMA ESTRUTURA METÁLICA NIVELADA PARA O EFEITO.

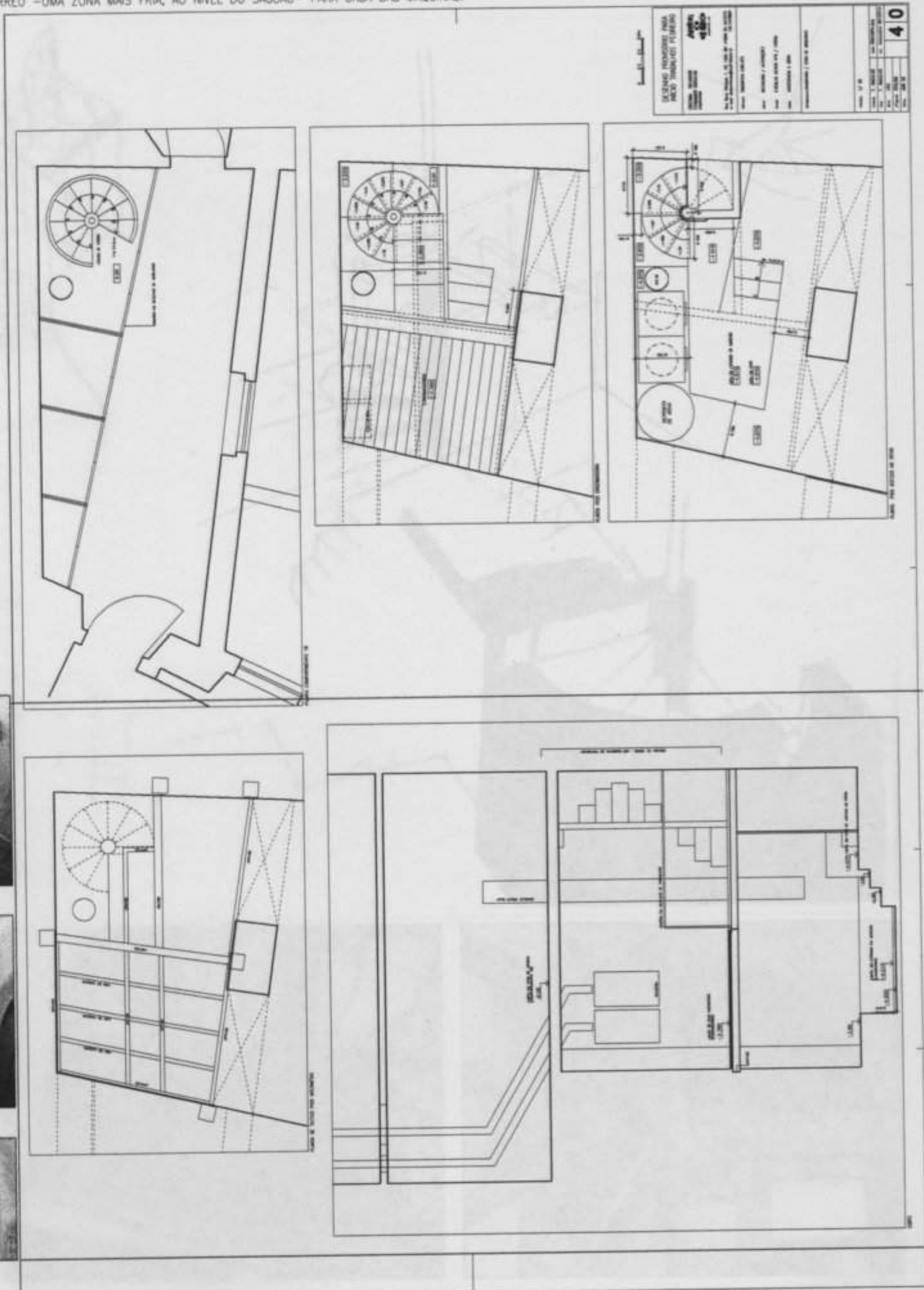
nota: este desenho foi elaborado em conjunto com a Filipa Tomaz sob orientação do coordenador do projecto.



OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
 LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA
 FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
 EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
 DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

ASSUNTO: DESENHO 40 - LAVANDARIA / CASA DE MÁQUINAS
 -TORNANDO POSSÍVEL O ACESSO PELO INTERIOR A UM ESPAÇO A QUE SE ACEDIA APENAS POR UM SAGUÃO PERMITIU QUE A CASA TENHA PASSADO A DISPOR DE UMA ZONA RESERVADA DESTINADA AO TRATAMENTO DA ROUPA E À COLOCAÇÃO DE CALDEIRAS E DO DEPÓSITO DE ÁGUA.
 EXISTIA AINDA O DESEJO POR PARTE DOS DONOS DA OBRA DE CONSERVAR UMA ESCADA DE CARACOL EM FERRO QUE HAVIA SIDO RETIRADA DA SUA POSIÇÃO ORIGINAL E SE ENCONTRAVA DISPONÍVEL. ESTE DADO CONDICIONOU A SOLUÇÃO QUE SE MANTEVE, MESMO QUANDO A ESCADA VELHA FOI TRANSFERIDA PARA OUTRA OBRA. UMA VEZ QUE O PÉ DIREITO O PERMITE, CRIOU-SE UM MEIO PISO PARA A ENGOMADORIA COM PAVIMENTO DE MADEIRA SOBRE ESTRUTURA METÁLICA), RESERVANDO-SE O PISO TERREO -UMA ZONA MAIS FRIA, AO NÍVEL DO SAGUÃO- PARA CASA DAS MÁQUINAS.

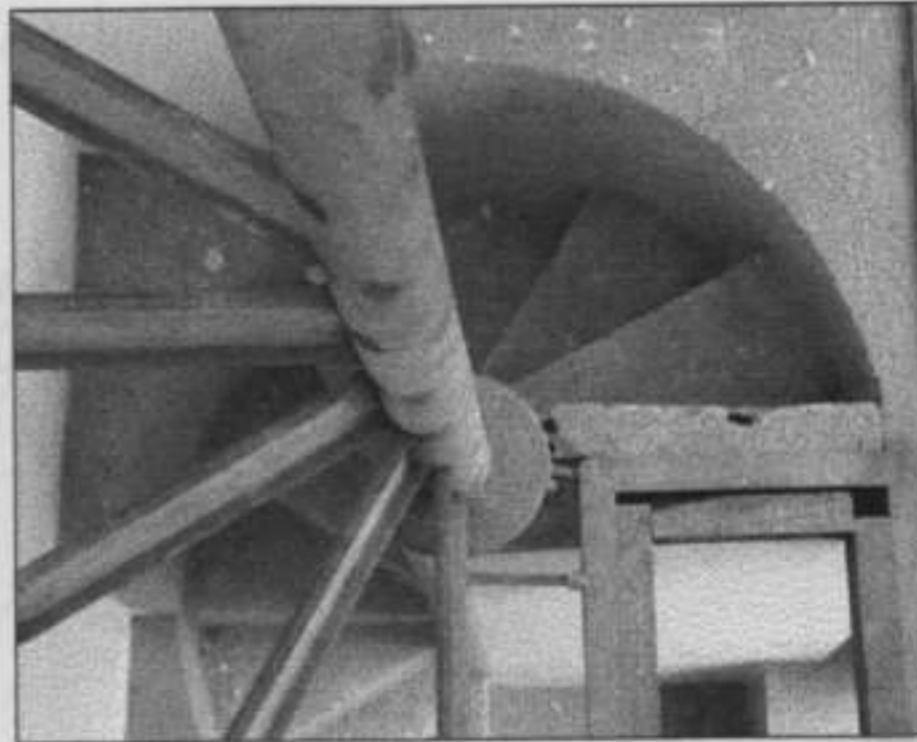
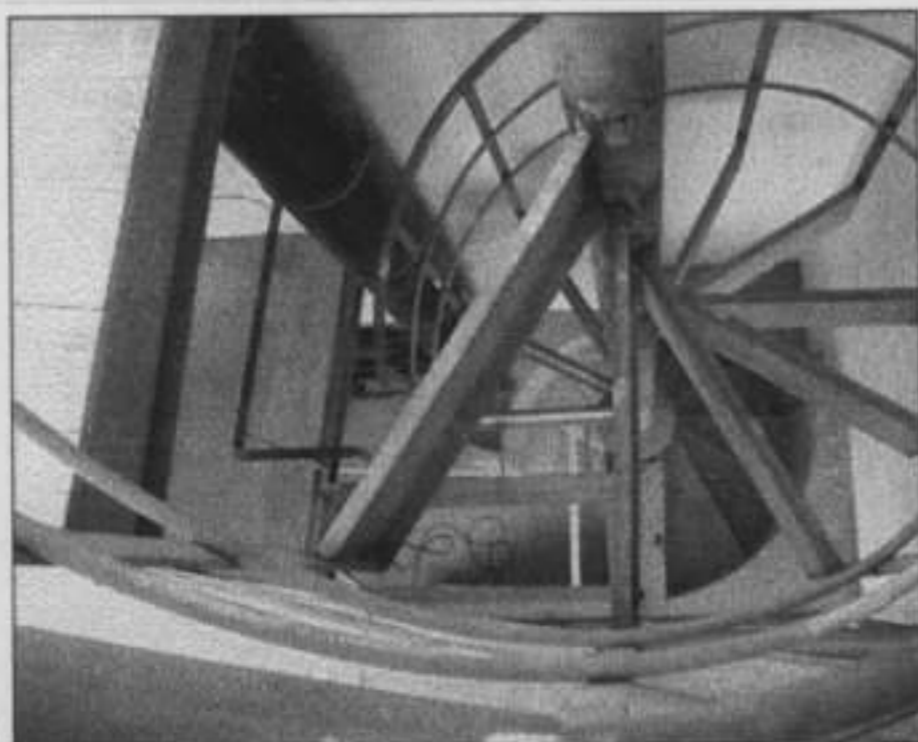
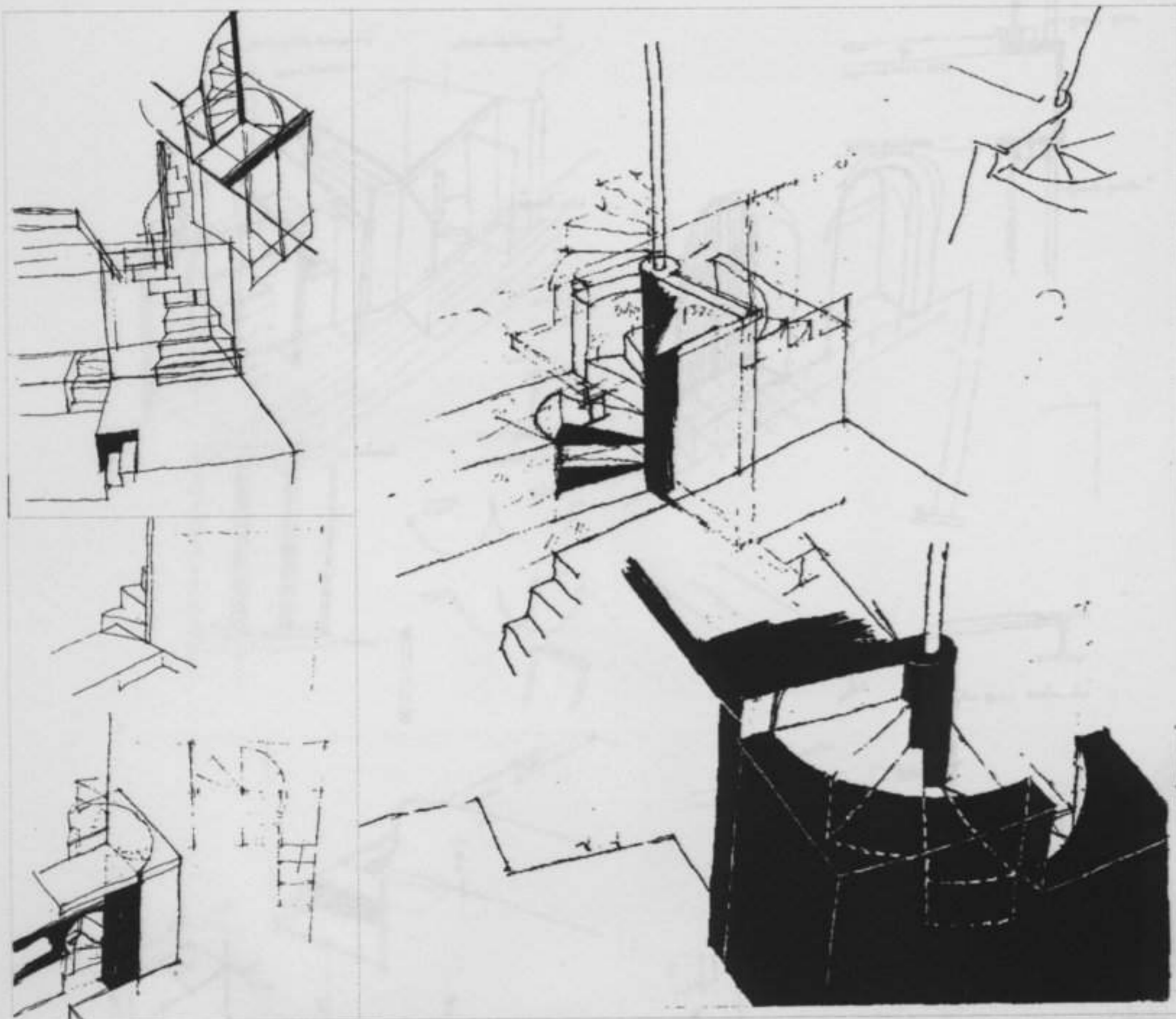


- 1.
- 2.
- 3.

OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA
DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

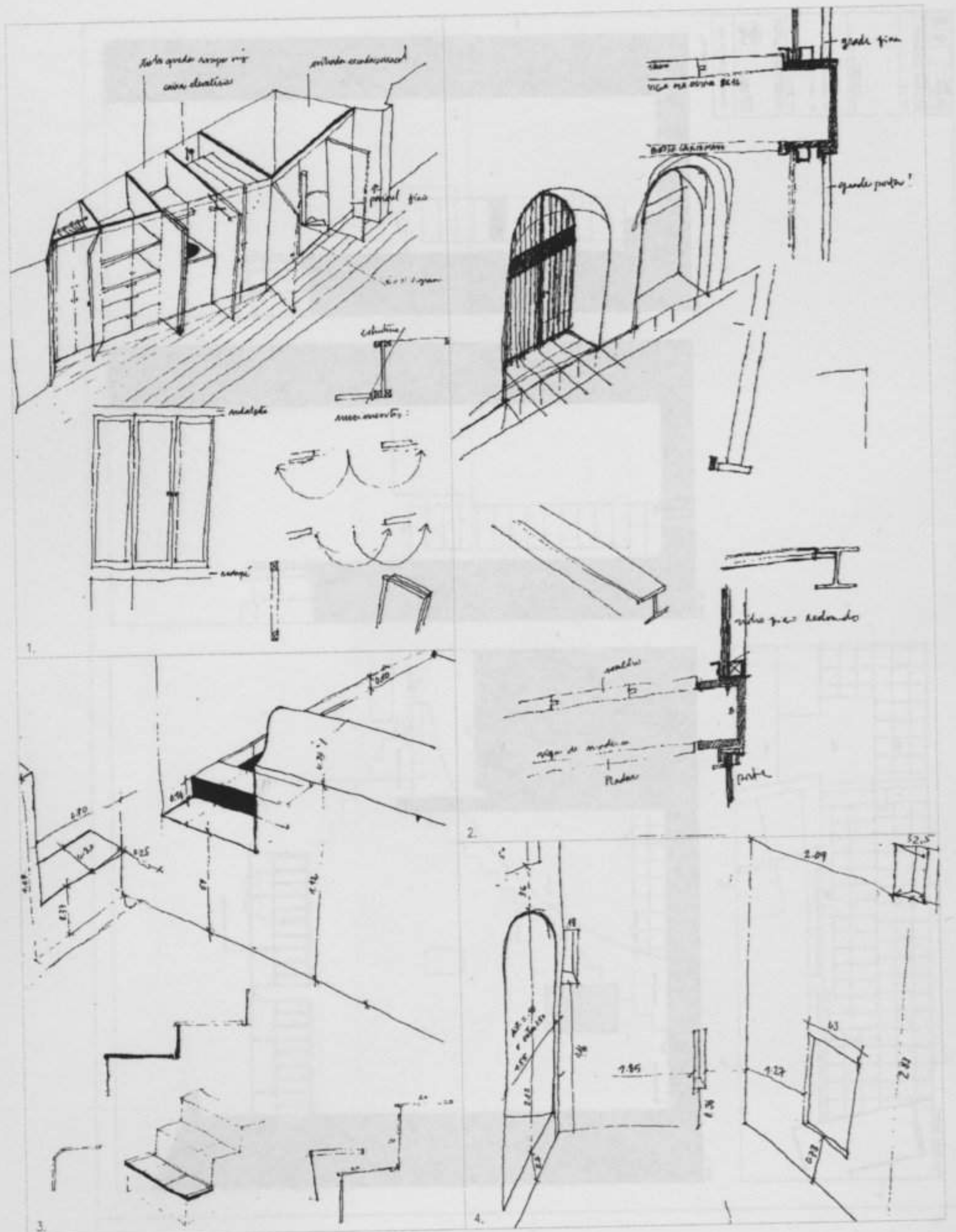
ASSUNTO: ESCADA LAVANDARIA
A ESCADA DA LAVANDARIA TEM DOIS LANCES:
- O DA ESCADA DE FERRO, QUE FAZ A LIGAÇÃO DA ENGOMADORA (MEIO PISO NOVO) COM UM COMPARTIMENTO DA CASA;
- O DA ESCADA QUE FAZ A LIGAÇÃO ENTRE A ENGOMADORA E O PISO DAS MÁQUINAS (VER DESENHO FINAL Nº40)
ESTA CONSTITUI UMA BASE NA QUAL SE ENCAIXA A ESCADA DE FERRO. É UMA ESCADA MACIÇA, COMO SE TIVESSE SIDO ESCAVADA NUM CUBO DE CIMENTO.
LEGENDA:
1 - ESTUDOS
2 - NA OBRA: AFINAL NÃO SE UTILIZOU A ESCADA EXISTENTE. NA IMAGEM PERCEBEM-SE OS TRÊS PISOS ONDE SE DESENVOLVE A ESCADA.



OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
 LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
 EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
 FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA
 DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

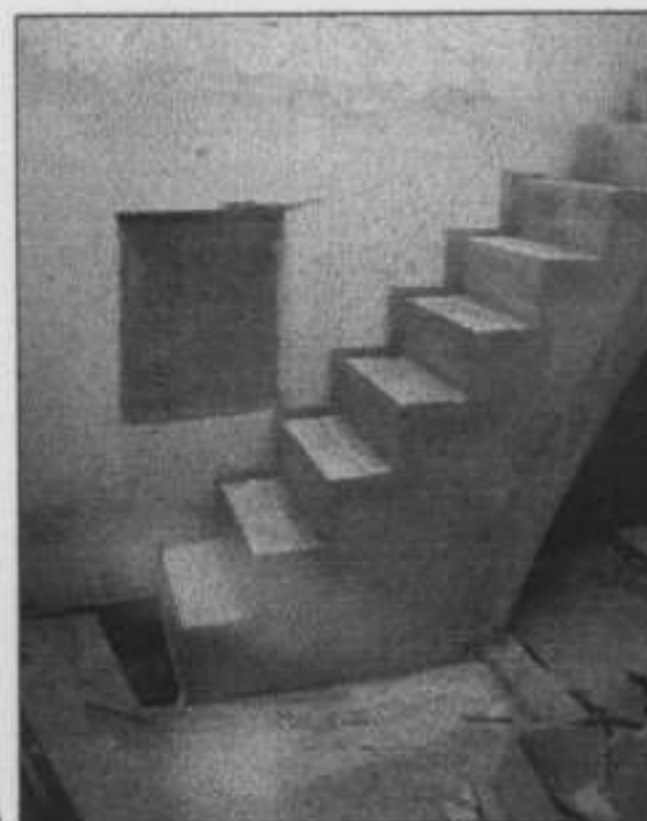
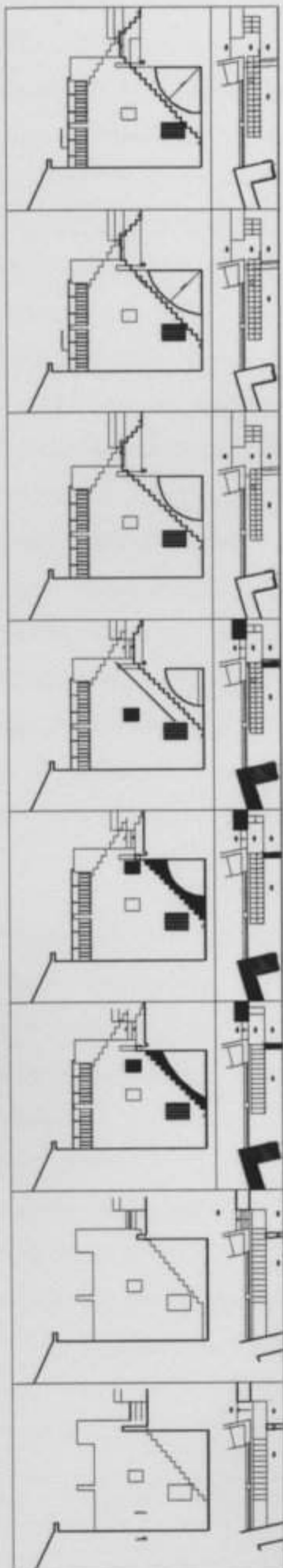
ASSUNTO: ESTUDOS E DESENHOS DE LEVANTAMENTO FEITOS EM OBRA
 1. ESTUDO PARA ARMÁRIO. ALBERGAVA ESPAÇO PARA ARRUMAÇÕES, ENTRADA ESCONDIRA PARA A LAVANDARIA E BOCA DE CONDUÇÃO PARA ROUPA SUJA.
 2. ESTUDOS PARA O MEIO PISO DA LAVANDARIA: RELAÇÃO COM O EXTERIOR E SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS
 3 E 4. LEVANTAMENTO DE MEDIDAS DO SAGUÃO PARA RESOLUÇÃO DO ACESSO A PARTIR DOS TERRAÇOS.



OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
LOCAL: ESCOLAS GERAIS, 6 / LISBOA
FASE: ASSISTÊNCIA À OBRA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: (DA 2ª FASE DE ASSISTÊNCIA À OBRA) FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
DATA: FEVEREIRO 1999 / ABRIL 1999

ASSUNTO: DESENHO 43 - ESCADA EXTERIOR (SAGUÃO)
ASSUNTO: ESTA ESCADA POSSIBILITA O ACESSO AO ESTREITO SAGUÃO A PARTIR DOS TERRAÇOS DA CASA.
LEGENDA: 1 - FOTOGRAFIAS DO SAGUÃO NO ESTADO INICIAL
2 - FOTOGRAFIAS DA CONSTRUÇÃO DA ESCADA - PREPARAÇÃO DA COFRAGEM
3 - FOTOGRAFIAS DA ESCADA À DATA DE ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO
4 - ESTUDOS



obra: REMODELAÇÃO DO LARGO DO ARRABALDE - PONTE ROMANA - CENTRO DA MADALENA
local: CHAVES
fases: ESTUDO PRÉVIO, PROJECTO BASE

O objectivo da reabilitação do Largo do Arrabalde/Ponte Romana/Centro da Madalena em Chaves prevê a integração no tecido da Madalena, no Largo da Aula de Anatomia no Largo de S. João e no Largo da Madalena. Trata-se essencialmente de fazer uma revisão do sistema viário, uma vez que a situação apresenta sinais de congestionamento, não facilitando os percursos pedestres, de produzir ainda o processo de descaracterização daquela zona da cidade e de não conter alguma qualidade urbana, cultural e de mobiliário e equipamento adequados.

Quanto os indícios de levantamento no local sugiram, no entanto, alguns elementos que justificam um levantamento de área de investigação. Uma visita atenta do lugar levantou a suspeita de que se trata mesmo uma qualquer construção murada da qual restam apenas vestígios. De facto é bem visível uma muralha nos muros do de Tanega e no interior de um dos quarteirões (que, sendo considerado um dos melhores de forma, se apresenta sobrelivado relativamente ao que se vê a olho nu) da cidade: uma das paredes do convento de S. João de Deus (donde há muralha) apresenta um perfil de prolongamento horizontal, sendo no interior de alguns estabelecimentos comerciais aparece o mesmo tipo de muro paralelo ao fundo - aqui a muralha está coberta, quase completamente revestida de pedras. Aparenta ainda mais dados de possível construção na planta a existência de um arcosol, por vezes completamente desaparecido, mas, ainda muito evidente no desenho.

Depreende-se que se a construção terá construído na parte do chaves, nos arrabaldes da cidade, para lá da Ponte Romana, muralha nos terrenos adjacentes da vila de Chaves. Um levantamento preliminar de todas as funções que para sempre revestiu sempre estes muros essencialmente de defesa e servir e abastecer a população local da região, que não chegando a entrar na cidade, e a muralha (muralha para fora) para produzir favelas de que não dispunha no campo (como rede de segurança e serviços médicos).

A única colaboração na fase de estudo prévio e de posterior a investigação de campo do trabalho do projecto para Chaves. O objectivo principal consistiu na gestão, em desenho, da reabilitação desta investigação, para lá, para lá da planta de base e procura assegurar toda a informação existente nos muros durante os estudos de elementos de natureza histórica pré-existent ou edifícios já desaparecidos, os elementos de natureza histórica edificadas existentes, os elementos naturais relevantes, as elevações classificadas ou propostas classificar pelo plano de salvaguarda do centro histórico e do tecido de muralha do chaves. O objectivo era tornar visível pelo desenho e documentação de projecto de reabilitação, conseguir o nível e a compreensão do cliente (e câmara municipal) para o facto de se estar perante um conjunto de estruturas que desmentem um passado histórico que vai a casa tentar recuperar, ao menos, parcialmente.

O que se propõe era tornar visível o valor patrimonial daquele conjunto - no desenho e no lugar.

O projecto de reabilitação do Largo do Arrabalde/ Ponte Romana/ Centro da Madalena em Chaves previa a intervenção no Terreiro da Madalena, no Largo da Aula de Anatomia no Largo de S. Jorge e no Largo da Madalena. Tratava-se essencialmente de fazer uma revisão do sistema viário, uma vez que o trânsito apresentava sinais de congestionamento, não facilitando os percursos pedonais, de procurar parar o processo de descaracterização daquela zona da cidade e de lhe conferir alguma qualidade urbana, dotando-a de mobiliário e equipamento adequado.

Durante os trabalhos de levantamento no local surgiram, no entanto, alguns elementos que justificaram um alargamento da área de investigação. Uma leitura atenta do lugar levantou a suspeita de que ali teria existido uma qualquer construção muralhada da qual restam apenas vestígios. De facto é bem visível uma muralha nas margens do rio Tâmega e no interior de um dos quarteirões (que, tendo crescido sobre um dos baluartes do fortim, se apresenta sobrelevado relativamente ao que teria sido a cota natural do terreno); uma das paredes do convento de S. João de Deus (hospital militar) apresenta um perfil de construção fortificada; também no interior de alguns estabelecimentos comerciais aparece o mesmo muro como parede de fundo - aqui a muralha está obstruída, quase completamente revestida de edifícios. Juntando todos estes dados foi possível desenhar na planta a geometria de um ornaveque, por vezes completamente desaparecido, mas, ainda assim, evidente no desenho.

Depreende-se que tal construção terá constituído as portas de chaves, nos arrabaldes da cidade, para lá da Ponte Romana, situada nos terrenos alagadiços da veiga de Chaves. Um levantamento exaustivo de todas as funções dos pisos térreos revelou serem estes essencialmente destinados a servir e abastecer a população rural da região, que não chegando a entrar na cidade, a ela recorria (ficando pela porta) para procurar material de que não dispunha no campo (como peças de maquinaria e serviços médicos).

A minha colaboração na fase do estudo prévio é já posterior à investigação da equipa do trabalho do projecto para Chaves. O meu trabalho consistiu na gestão, em desenho, da transmissão dessa investigação. Para tal, parti da planta de base e procurei sobrepor toda a informação existente num mesmo desenho de síntese: os elementos de natureza histórica pré-existentes ou edificados já desaparecidos, os elementos de natureza histórica edificados existentes, os elementos naturais relevantes, os elementos classificados ou propostos classificar pelo plano de salvaguarda do centro histórico e os limites da muralha do baluarte. O objectivo era tornar visível pelo desenho a importância do projecto de reabilitação, conseguir o apoio e a compreensão do cliente (a câmara municipal) para o facto de se estar perante um conjunto de evidências que desembaciam um passado histórico que vale a pena tentar recuperar, ao menos, como memória.

O que se propunha era tornar explícito o valor patrimonial daquele conjunto - no desenho e no lugar.

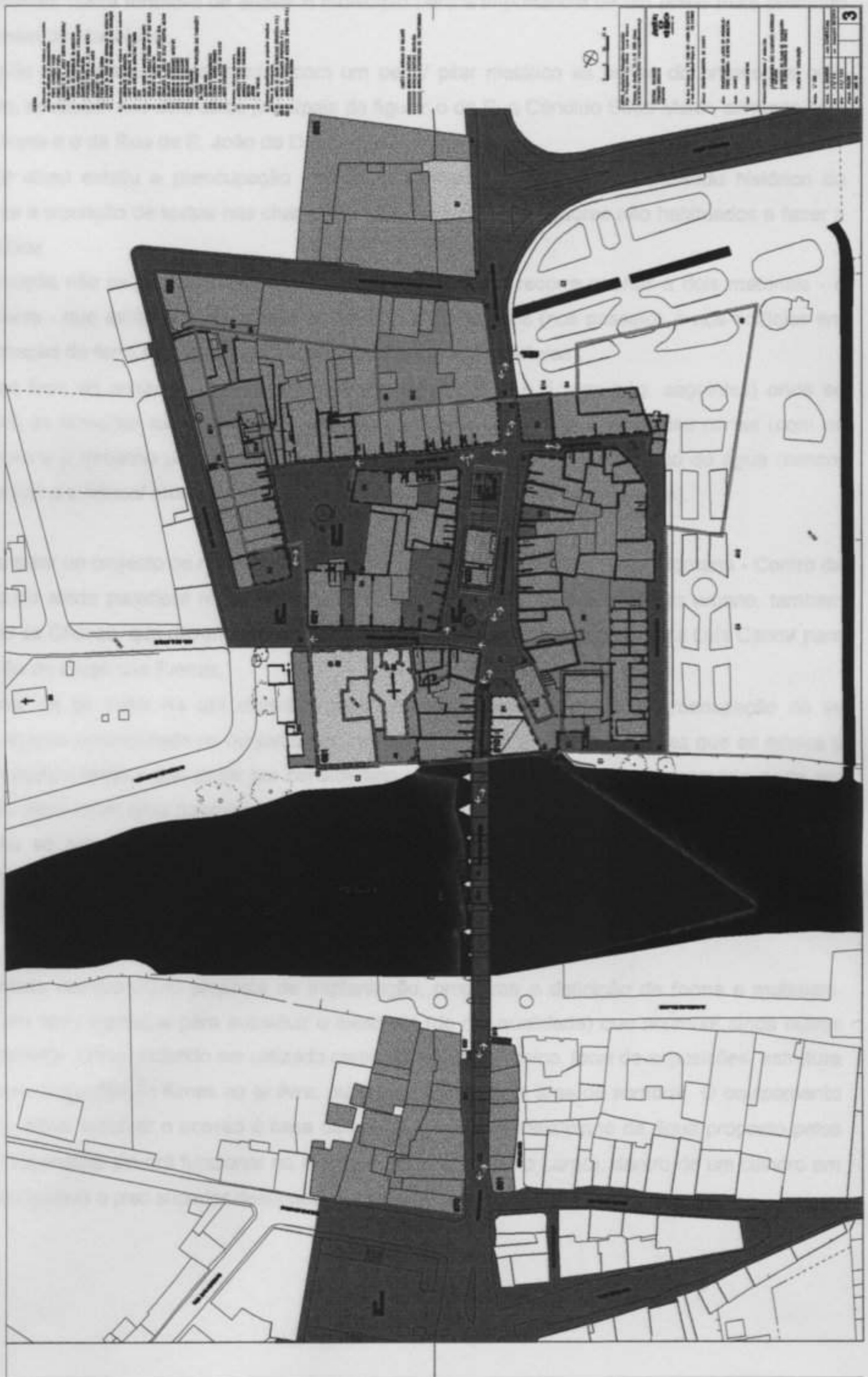
OBRA: REMODELAÇÃO DO LARGO DO ARRABALDE - PONTE ROMANA - CENTRO DA MADALENA
LOCAL: CHAVES
FASE: ESTUDO PRÉVIO

COORDENADORES: CRISTINA SALVADOR (ARQUITECTURA) E LUÍS CABRAL (ARQUITECTURA PAISAGISTA)

EQUIPA: GILBERTO OLIVEIRA, CATARINA SOUSA

DATA: MARÇO 1999

ASSUNTO: DESENHO 3 - LEVANTAMENTO DOS ELEMENTOS HISTÓRICOS E NATURAIS; ELEMENTOS DO PLANO DE SALVAGUARDA DE CENTRO HISTÓRICO DE CHAVES



Na fase de projecto base a proposta tomou forma, no desenho dos pavimentos, de equipamentos e mobiliário urbanos (banco, chafariz, recolha de lixos), respondendo aos problemas próprios de um projecto de reabilitação urbana mas com um interesse cultural que ultrapassou o âmbito inicial do trabalho, numa tentativa de alertar o município para a importância de um plano mais profundo para a freguesia da Madalena.

Propõe-se que sejam assinaladas com um perfil/ pilar metálico as portas do ornaveque que, naturalmente, se situam nos dois eixos principais da figura: o da Rua Cândido Sotto Maior, alinhado com a Ponte Romana e o da Rua de S. João de Deus.

Além disso existiu a preocupação em dar a conhecer à população o passado histórico da freguesia com a inscrição de textos nas chapas de ferro para os observadores não habituados a fazer a leitura da cidade.

A solução não exige um grande investimento económico e recorre apenas a dois materiais - o granito e o ferro - que estão sempre presentes na cidade de Chaves (nos passeios e nos edifícios em pedra; nas chapas de ferro onduladas em varandas, empenas e coberturas).

Nesta fase do projecto fui responsável pelos desenhos 4 e 5 (nas pág. seguintes) onde se apresentavam as soluções estudadas pela equipa do projecto para a marcação das portas (com os pilares de ferro e o desenho dos pavimentos), para um banco de pedra, o elemento de água (banco/ chafariz/ murete) e o banco/ muro com infra-estruturas (recolha de lixo, espera de táxis).

Para além do projecto de reabilitação urbana do Largo do Arrabalde - Ponte Romana - Centro da Madalena, pude ainda participar no estudo para uma pequena peça de equipamento urbano, também para a cidade de Chaves, que deveria ser integrado no projecto do arquitecto paisagista Luís Cabral para a remodelação do Largo das Freiras.

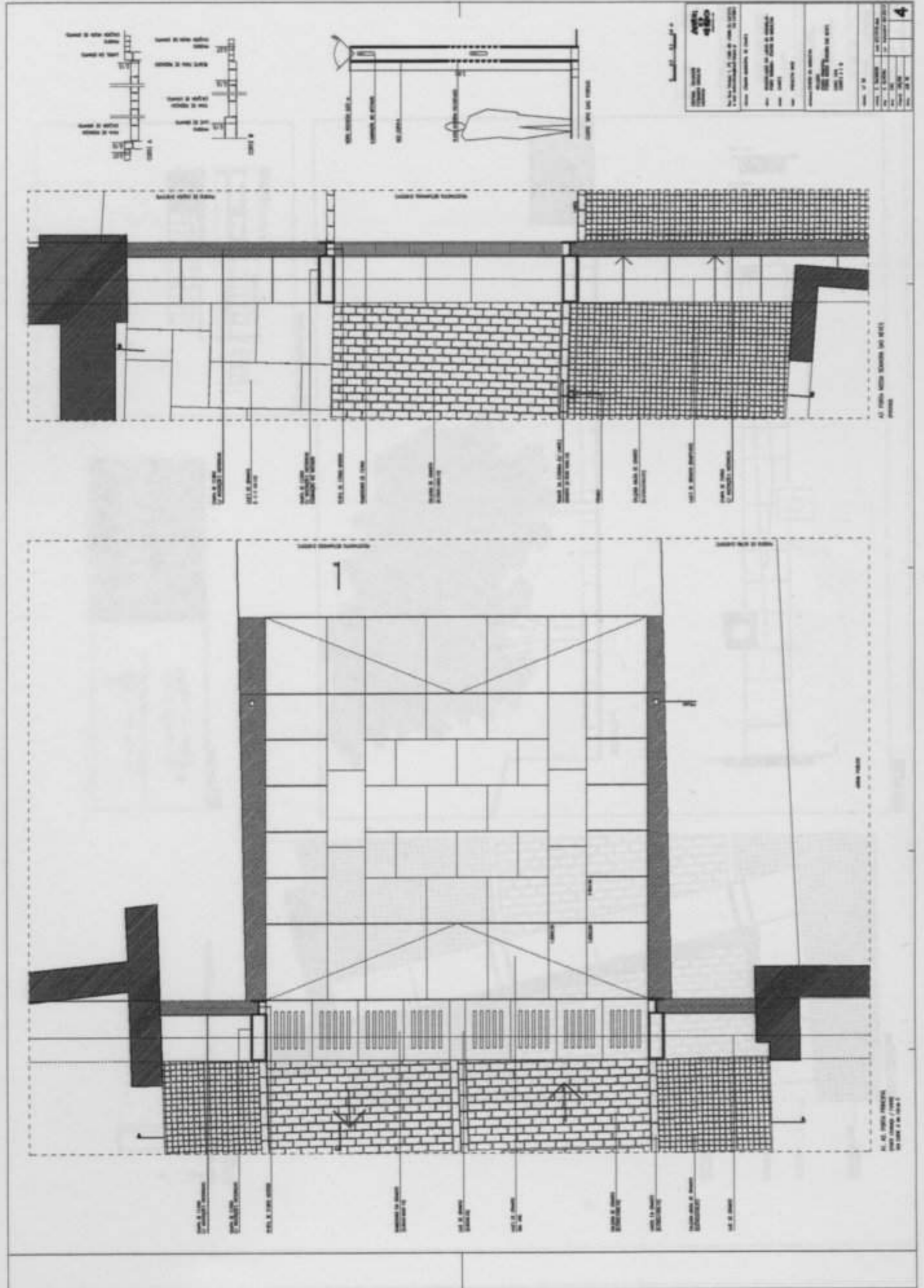
Apesar de se tratar de um elemento para um outro projecto, existiu a preocupação de se estabelecer alguma continuidade no conjunto das intervenções para a cidade. Uma vez que se estava a pensar num equipamento - que pode ser considerado um objecto móvel (se for necessário pode ser montado num outro local) e/ou passível de ser repetido - deveria resultar de uma leitura da cidade como um todo, não se relacionando apenas com o lugar específico para o qual foi projectado. Assim, procurou-se uma solução que conjugasse alguma versatilidade de ocupação (o mesmo tipo de estrutura poderia ser utilizado noutra situação, com as adaptações adequadas), coerência na escolha dos materiais (outra vez ferro e pedra) e economia.

O estudo compreendeu proposta de implantação, programa e definição de forma e materiais. Trata-se de um novo quiosque para substituir o existente (de má qualidade) que acumula ainda outras funções de carácter lúdico podendo ser utilizado como um coreto ou palco, local de exposições, estrutura de suporte para projecção de filmes ao ar livre, ou simplesmente uma área de sombra. O equipamento deveria, além disso, resolver o acesso à casa das máquinas do chafariz/plano de água proposto pelos paisagistas. O quiosque deverá funcionar no espaço inferior (à cota do Largo), dentro de um cilindro em chapa de ferro ficando o piso superior destinado às restantes actividades.

OBRA: REMODELAÇÃO DO LARGO DO ARRABALDE – PONTE ROMANA – CENTRO DA MADALENA
LOCAL: CHAVES
FASE: PROJECTO BASE

COORDENADOR: CRISTINA SALVADOR (ARQUITECTURA) E LUIS CABRAL (ARQUITECTURA PAISAGISTA)
EQUIPA: GILBERTO OLIVEIRA, CATARINA SOUSA
DATA: JUNHO 1999

ASSUNTO: DESENHO 4 – CENTRO DA MADALENA: PORTA PRINCIPAL E PORTA DA NOSSA SENHORA DAS NEVES
 DEFINIÇÃO A ESCALA 1/20 DA INTERVENÇÃO NAS PORTAS DO ORNAVEQUE DA MADALENA



OBRA: REMODELAÇÃO DO LARGO DO ARRABALDE - PONTE ROMANA - CENTRO DA MADALENA
LOCAL: CHAVES
FASE: PROJECTO BASE

COORDENAÇÃO: CRISTINA SALVADOR (ARQUITECTURA) E LUIS CABRAL (ARQUITECTURA PAISAGISTA)
EQUIPA: DILBERTO OLIVEIRA, CATARINA SOUSA
DATA: JUNHO 1999

ASSUNTO: DESENHO 3 - CENTRO DA MADALENA: PORTA PRINCIPAL E PORTA DA NOSSA SENHORA DAS NEVES

- CORTE PELA PORTA PRINCIPAL
- PLANTA POSTIGO DO TERREIRO
- BANCO DE PEDRA
- ELEMENTO DE ÁGUA
- BANCO/MURO COM INFRAESTRUTURAS

ÁREA DE TRABALHO	
Nome do Projeto:	Arquiteto:
Escala:	Projeto:
Localização:	Assunto:
Data: JUNHO 1999 Nº de Desenho: 3 Nº de Folha: 5	5

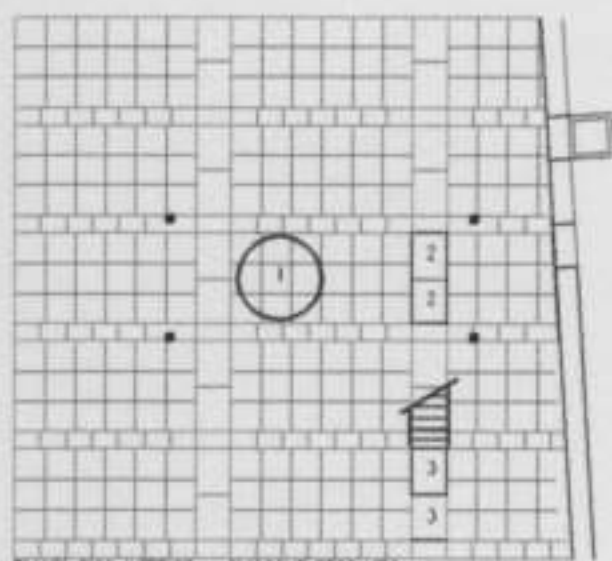
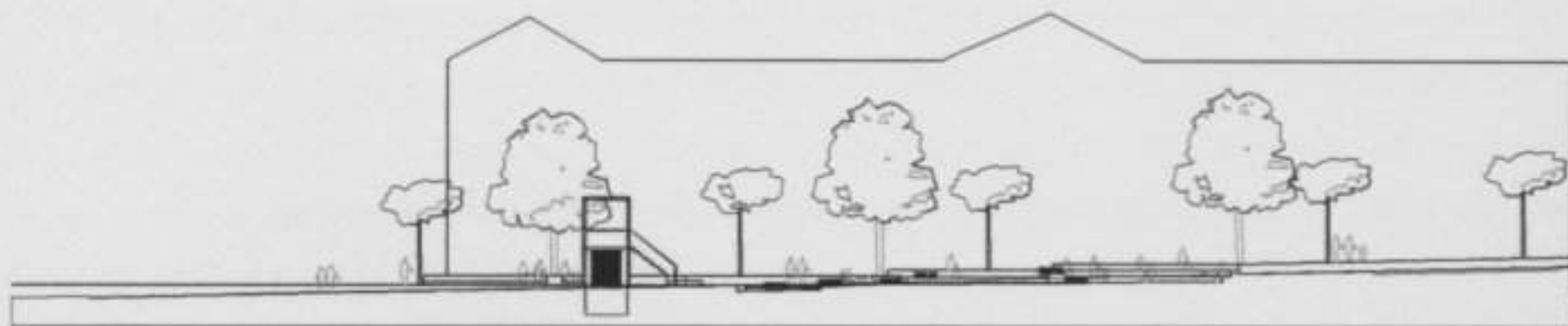
The drawing consists of several parts:

- Top Left:** A small plan view showing the layout of the stone bank and its connection to the main structure. Label: "BANCO DE PEDRA - PLANTA".
- Top Right:** A cross-section of the stone bank, showing its profile and the water element below. Label: "CORTE PELA PORTA PRINCIPAL".
- Middle Left:** A detailed cross-section of the stone bank, showing the internal structure and the water element. Label: "CORTE PELA PORTA PRINCIPAL - DETALHE".
- Middle Right:** A large plan view of the stone bank, showing its length and the water element. Label: "BANCO DE PEDRA - PLANTA".
- Bottom Left:** A cross-section of the stone bank, showing its profile and the water element. Label: "CORTE PELA PORTA DA NOSSA SENHORA DAS NEVES".
- Bottom Right:** A detailed cross-section of the stone bank, showing the internal structure and the water element. Label: "CORTE PELA PORTA DA NOSSA SENHORA DAS NEVES - DETALHE".

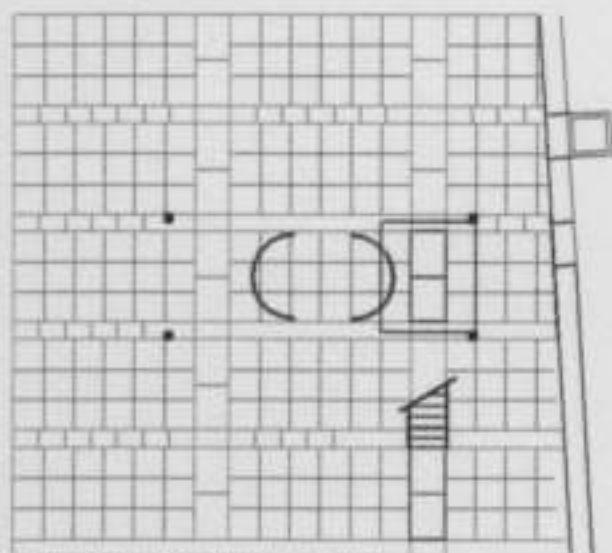
OBRA: REMODELAÇÃO DO LARGO DAS FREIRAS
 LOCAL: CHAVES
 FASE: PROJECTO BASE

COORDENAÇÃO: LUIS CABRAL (ARQUITECTURA PAISAGISTA) ECRISTINA SALVADOR (ARQUITECTURA)
 EQUIPA: GILBERTO OLIVEIRA, CATARINA SOUSA
 DATA: JUNHO 1999

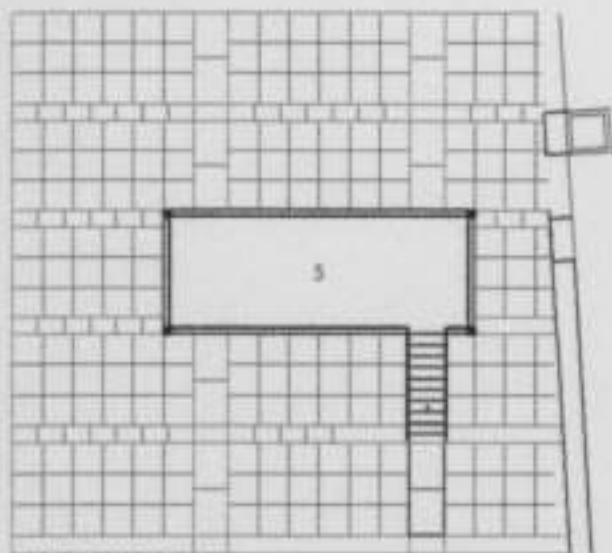
ASSUNTO: PROJECTO PARA QUIOSQUE
 A REMODELAÇÃO DO LARGO DAS FREIRAS É UM PROJECTO DO ARQUITECTO PAISAGISTA LUIS CABRAL. A PARTICIPAÇÃO DO ATELIER DO CHIADO NESTE PROJECTO CONSISTIU NO PROJECTO PARA UM QUIOSQUE PARA O LARGO.
 PROPÓS-SE A CRIAÇÃO DE UM EQUIPAMENTO QUE, PARA ALÉM DE QUIOSQUE, PUDESSE APOIAR OUTRO TIPO DE ACTIVIDADES. ASSIM, O QUIOSQUE É SIMULTÂNEAMENTE PALCO, ESTRUTURA PARA TELA DE PROJEÇÕES, CORETO, ÁREA DE SOMBRA E LOCAL PARA PEQUENAS EXPOSIÇÕES.
 REPETEM-SE OS MATERIAIS UTILIZADOS NO PROJECTO DE REMODELAÇÃO DO ARRABALDE/ PONTE ROMANA/CENTRO DA MADALENA: FERRO-NA ESTRUTURA EM PERFIS METÁLICOS, NO CILINDRO DO QUIOSQUE E NA COBERTURA EM CHAPA - E O GRANITO - NO PAVIMENTO- , NUMA TENTATIVA DE ESTABELECEER ALGUMA CONTINUIDADE NO CONJUNTO DE INTERVENÇÕES.



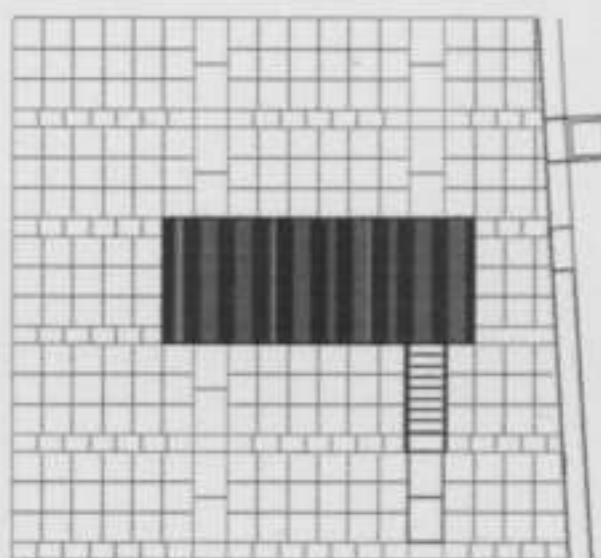
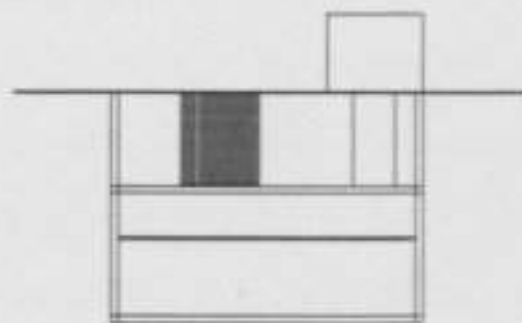
PLANTA PISO INFERIOR - QUIOSQUE RECOURDO



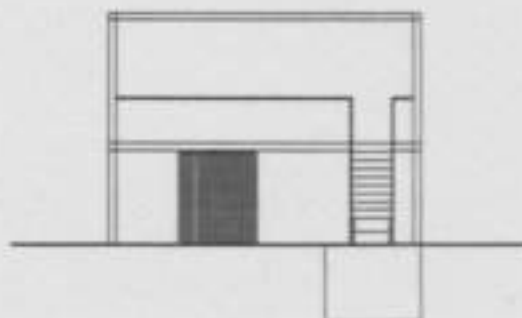
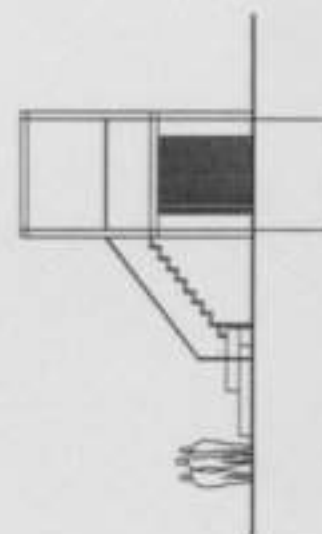
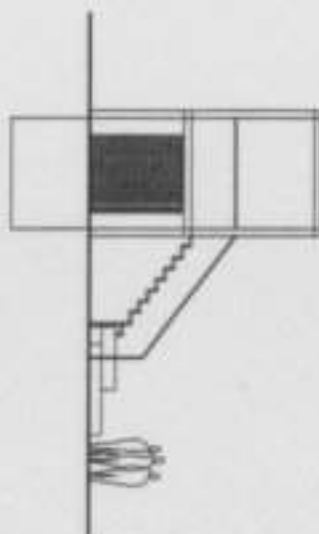
PLANTA PISO INFERIOR - QUIOSQUE ABERTO



PLANTA PISO SUPERIOR



PLANTA DA COBERTURA



LEGENDA

1. QUIOSQUE EM CHAPA DE FERRO
 2. ACESSO CASA DE MÁQUINAS - TAMPA EM CHAPA DE FERRO
 3. DEGRÁUS DE GRANITO
 4. ESCADA DE FERRO
 5. PALCO
- EXPOSIÇÕES
 SUPORTE PARA TELA DE PROJEÇÃO DE FILMES
 ÁREA DE SOMBRA

ESTRUTURA: PERFIS DE FERRO

obra: **RECUPERAÇÃO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO**
local: **RUA DA PAZ, 60/62, LISBOA**
fase: **PROJECTO DE EXECUÇÃO**

A intervenção na recuperação do projecto de execução do edifício da Rua da Paz foi a partir de um levantamento que se fez inicialmente com o arquitecto Cristina Salvador em fases anteriores ao início do trabalho. Assim, abrangendo desde o princípio todo o projecto, em reuniões de programação de trabalho, participação de reuniões com as diversas especialidades, procura de soluções construtivas, selecção de materiais e verificação de peças desenhadas.

Tudo isto levou ao projecto de recuperação e alteração de um edifício de habitação feito nos tempos modernos de Lisboa, a grande diversidade de problemas típicos deste tipo de edifícios - paredes, telhas, cantoneiras, sanitários, aquecimento autónomo e cobertura em malta noutra ordem de conservação (com áreas de infiltração) - e sinais de estrutura de qualidade - consequência de um cuidado sabido de manutenção levado com qualificações antigas e incorporadas e de problemas de ventilação derivados de uma impermeabilização das paredes.

Por conseguinte, no caso, o edifício deveria sofrer o mínimo de alterações - apenas as suficientes para garantir uma melhoria da habitabilidade. As alterações mais profundas foram a criação de uma planta mais clara com as mudanças estruturais, aumento do edifício existente, a recuperação total da cobertura com uma nova solução na inclinação de forma a tornar o telhado mais habitável e a renovação dos sistemas de água, electricidade e gás.

A escolha de materiais construtivos possíveis que sejam melhores as condições de habitabilidade de hoje no edifício a nova cobertura é construída em painéis com isolamento térmico sobre uma camada existente de impermeabilização de os ventos, mantendo-se a parte exterior em laje maciça e a estrutura existente é mantida com painéis isolados termicamente. A substituição dos pavimentos de zonas de água de água por uma solução que prevê a impermeabilização destas zonas, é também uma alteração importante para a recuperação do edifício.



1. Fachada exterior em paredes existentes
2. Fachada de exterior em nova estrutura
3. Planta de fachada existente

A participação na elaboração do projecto de execução do edifício da Rua da Paz foi o reatar de um trabalho no qual já havia colaborado com a arquitecta Cristina Salvador em fases anteriores ao início do estágio. Assim, acompanhei desde o princípio esta fase do projecto, em reuniões de programação do processo, participação em reuniões com as diversas especialidades, procura de soluções construtivas, selecção de acabamentos e execução de peças desenhadas.

Trata-se de um projecto de recuperação e alteração de um edifício de habitação num dos bairros históricos de Lisboa. O prédio apresentava os problemas típicos deste tipo de edifícios - paredes, tectos, pavimentos, caixilharias, paramentos exteriores e cobertura em muito mau estado de conservação (com sinais de infiltrações) e sinais de estrutura debilitada - consequência de um precário sistema de saneamento básico com canalizações antigas e improvisadas e de problemas de ventilação derivados de uma sobre-ocupação dos espaços.

Por imposição da CML o edifício deveria sofrer o mínimo de alterações, apenas as suficientes para garantir boas condições de habitabilidade. As alterações mais profundas foram a criação de uma coluna nova para as instalações sanitárias, adossada ao edifício existente, a reconstrução total da cobertura (com uma ligeira alteração na inclinação de forma a tornar o sótão mais habitável) e a renovação total dos sistemas de águas, esgotos, electricidade e gás.

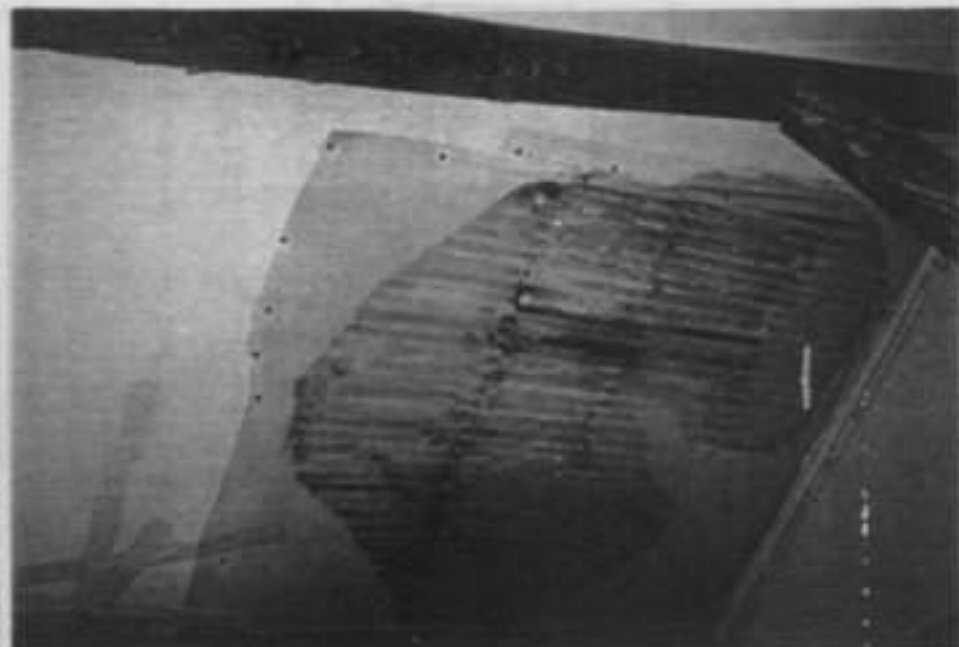
A alteração do sistema construtivo possibilita que sejam melhoradas as condições de habitabilidade do fogo do sótão: a nova cobertura é construída em painéis com isolamento térmico sobre uma estrutura metálica em substituição da de madeira, mantendo-se a pele exterior em telha marselha; a mansarda também é construída com painéis isolados termicamente. A substituição dos pavimentos das zonas de águas dos fogos por uma solução que prevê a impermeabilização destas zonas, é também uma alteração fundamental para a conservação do edifício.



1



2



3

1. Ampliação existente nas traseiras do edifício
2. Aspecto da cozinha no seu estado actual
3. Aspecto do tecto degradado

OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
LOCAL: RUA DA PAZ, 60/62, LISBOA

COORDENADOR: CRISTINA SALVADOR
EQUIPA: FERNANDO BAGULHO, JOANA ROSAS, GILBERTO OLIVEIRA, FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO
DATA: FEVEREIRO 1999 / MARÇO 1999

ASSUNTO: PREPARAÇÃO DO PROJECTO DE EXECUÇÃO

RUA DA PAZ
PREPARAÇÃO PROJECTO DE EXECUÇÃO - PREVENÇÃO DE RISCOS PRESENTES E ESCURAS
MEMÓRIA DESCRITIVA
ESCALA 1:50

- PLANOS (OU PLANTAS) - análise de pavimento, substituição das pedras, ajuste de altura, substituição do sistema
- ANOTAÇÕES das vãos existentes para o caso de vãos substituídos por outros, áreas
- CORTE (1) - indicações para o caso de vãos

MAPA DE ALARMA

ESCALA 1:20

- MAPA DE VÃOS - a recuperar de ambos os lados

PLANTAS E cortes DA ÁREA AMPLIADA (CORRIBAS, I.S., ÁREAS AMPLIADAS)

- CORTE DA CORRIBASA
- RECONSTITUIÇÃO DE VENTANAS
- ESCALA (1)
- LANTERNIM (?) (8 RESTOS DO EXISTENTE)
- MANSAELAS (10)
- ESCURAS DO PAREDE (?) - alguns, encanamento de água
- ENCONTRO DA CORRIBASA E O PAVIMENTO EXISTENTE
- RECONSTITUIÇÃO DO TAPETE NOVO: PAREDE

ESCALA 1:40

- ~~MANSAELAS~~
- ~~RECONSTITUIÇÃO DE VENTANAS~~
- ~~RECONSTITUIÇÃO DE VENTANAS~~

ESCALAS

- 4:5 - CALDEIRAS
- 4:2 - PORMENORES QUE O JUSTIFICAM
- 1:4

LEGENDA DE ENCARROS

MEMÓRIAS E PLANOS

RUA DA PAZ Nº 60/62
PREPARAÇÃO PROJECTO DE EXECUÇÃO - IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS
e soluções associados em áreas problemáticas de se discutir com o arquitecto responsável
PARTES COMUNS

ESCALA : em uma escala de aproximação
REPARAÇÃO DO RECONSTITUIÇÃO ? (ESCURAS E LANTERNIM/CORRIBASA DE ESCURAS)
e parede

CORRIBASA : solução em madeira apontando para o interior, apontando para o exterior

TIPO DE SOLUÇÃO DESCRITIVA ? [ALTERAÇÃO NA RECONSTITUIÇÃO DOS VÃOS P/ ELEVAÇÃO DO NÍVEL DO PISO/PORTA]

PROBLEMAS DO ENCONTRO CORRIBASA/PAREDES PARA POSSIBILIDADE ENCONTRO ENTRE OS VÃOS EXISTENTES

ESCURAS SOBREVIVENTES NOS MANSAELAS

ENTRADA : Para além das soluções apresentadas para a recuperação - de um ou mais pontos de distribuição das instalações (caixa de luzes, corrente...)

PARTES INDIVIDUAIS

R.C. : ALTERAÇÃO NOS MÓDULOS DO LOGARDO (alteração do eixo de orientação, alteração de material), REPARAÇÃO DE MÓDULOS

NO A JANELA DO QUARTO ADJACENTE AO LOGARDO (LITIN A FOLHA)

ANÁLISE DO PROBLEMA DO ENCONTRO DOS VÃOS

COM TRANSPORTAÇÃO NA CORRIBASA

SUBSTITUIÇÃO E REPARAÇÃO DE ELEMENTOS (PISO, PAREDES, Tectos, CALDEIRAS...)

TAPETE : ANOTAÇÃO DO ESTADO DOS PISOS - levantamento de amostras

A substituição do piso de um ponto do lado [...], a ser de um material - o pavimento de tipo de madeira natural devido ao seu projecto de conservação.

SÓTÃO : A ampliação proposta (corte novo) não se pretende até ao nível do piso que as instalações existentes do lado não são alteradas com as das existentes. RECONSTITUIÇÃO DO PISO DE MADEIRA DOS ESCURAS

AMPLIAÇÃO

TIPO DE SOLUÇÃO DESCRITIVA - para definição de equívocos das pedras. O objectivo não se trata de um novo material.

NOTA: Uma das pedras da ampliação não se trata de um material de tipo de madeira.

- ESTADO DO PAVIMENTO DO CORRIBASA (quanto a conservação)

- ESCURAS DE VÃOS E ESCURAS

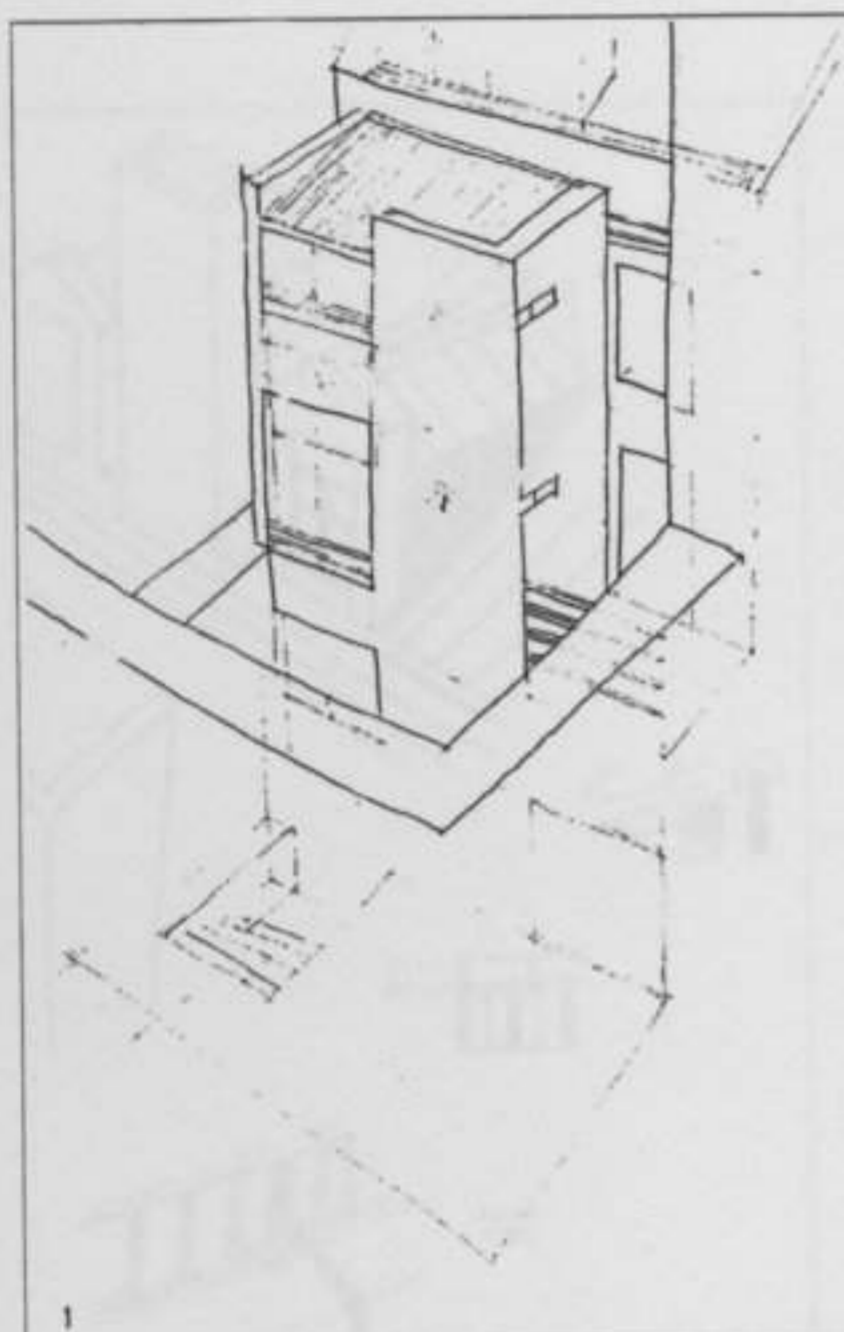
- Correção de inclinação da parede do encontro de forma a facilitar o uso das I.S. (de acordo com a altura)

- Verificar a altura do piso - garantir o espaço de circulação e o espaço de estender a roupa.

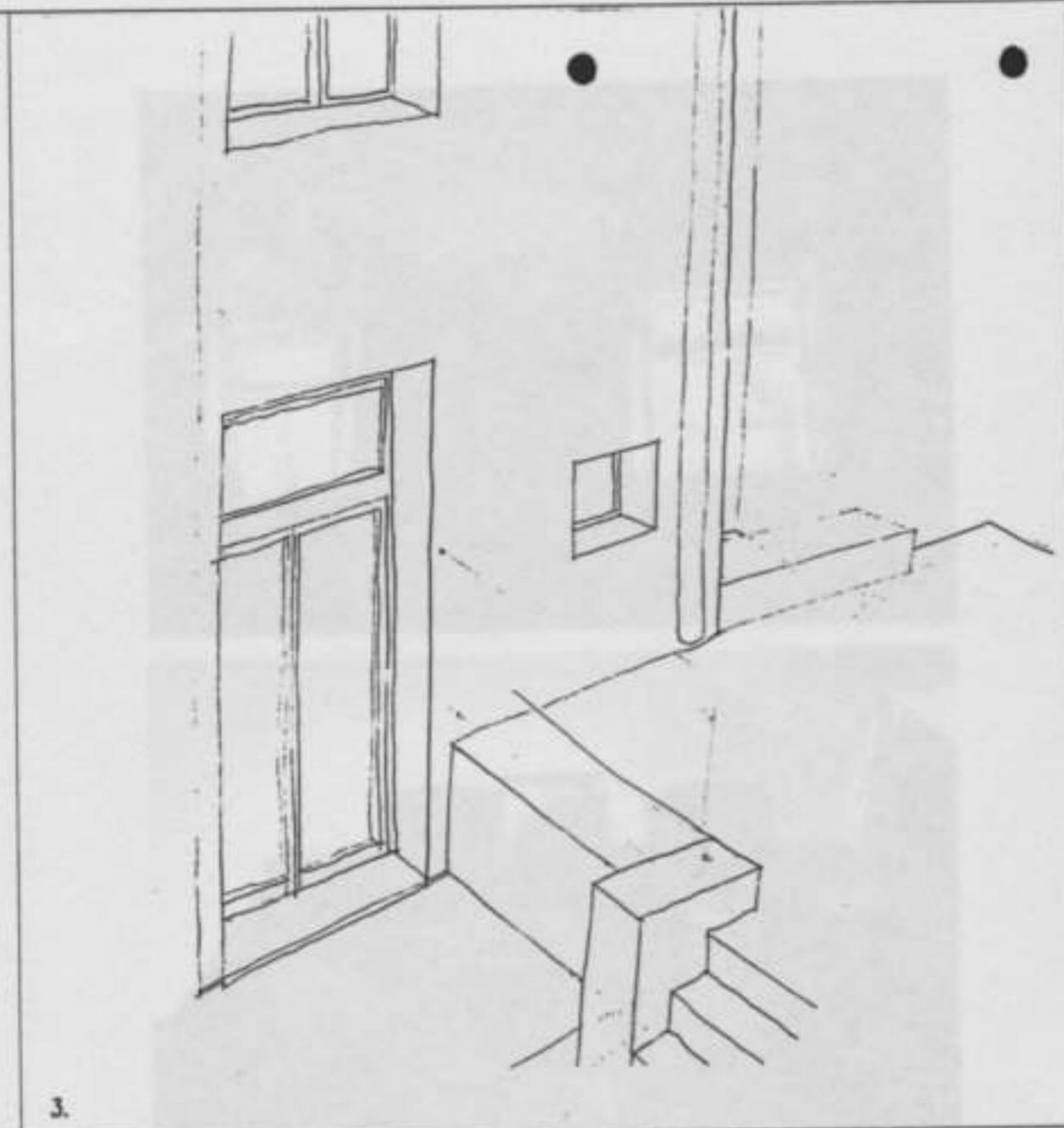
OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
LOCAL: RUA DA PAZ, 60/62, LISBOA

COORDENADOR: CRISTINA SALVADOR
EQUIPA: FERNANDO BAGULHO, JOANA ROSAS, GILBERTO OLIVEIRA, FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO
DATA: FEVEREIRO 1999 / MARÇO 1999

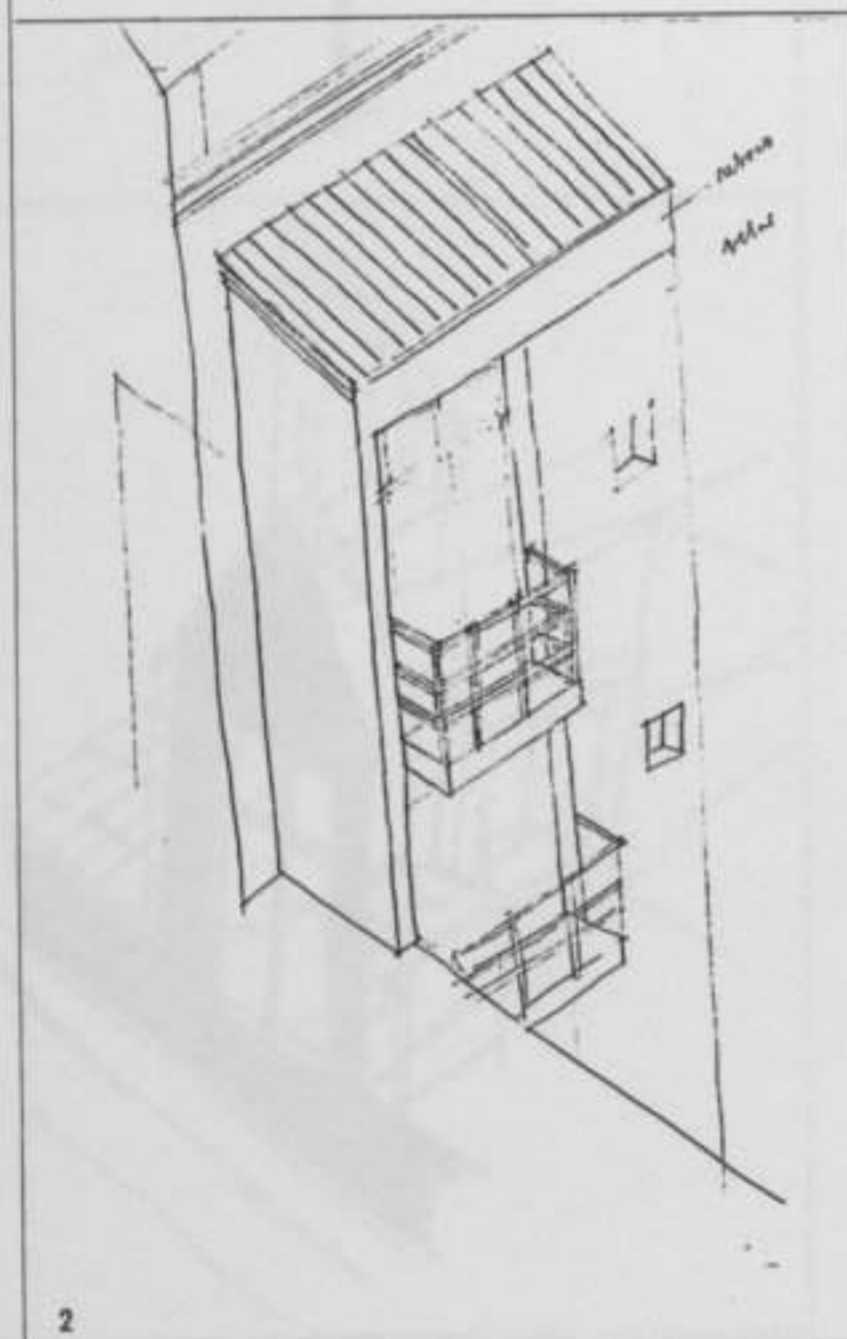
ASSUNTO: 1, 2, 3 - ESTUDOS PARA O SAGUÃO
4 - PLANTA PISO 1 (SEM ESCALA)
5 - ALÇADO TARDOZ (SEM ESCALA)



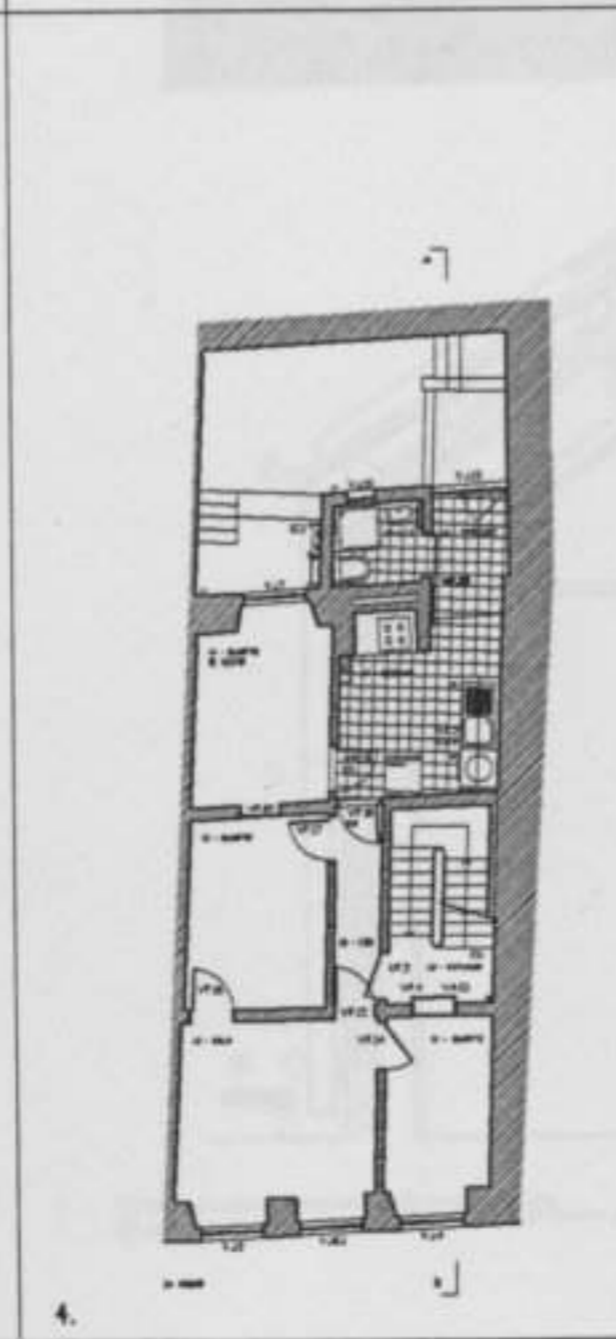
1



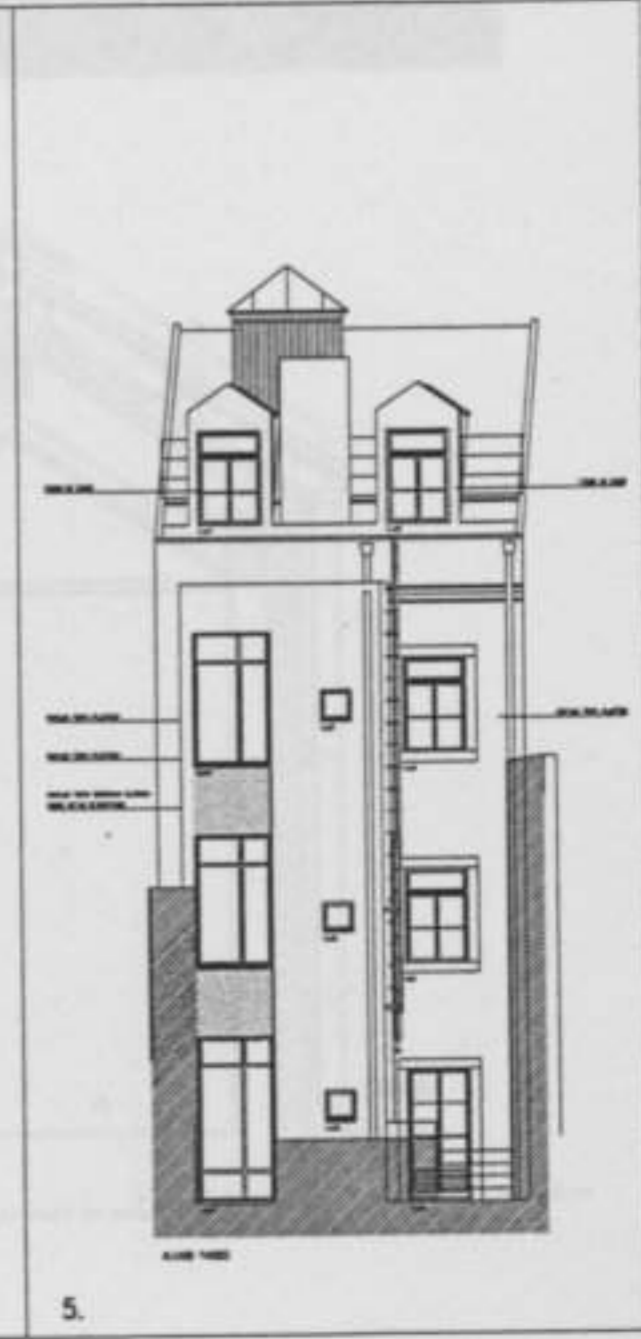
3



2



4

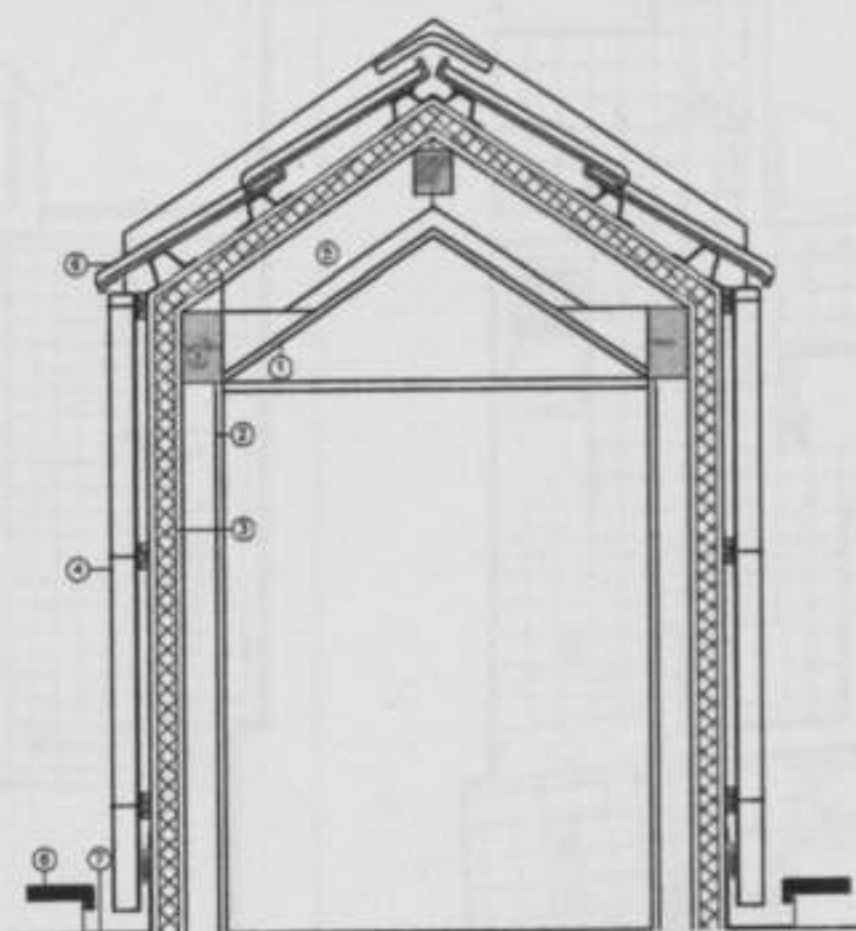
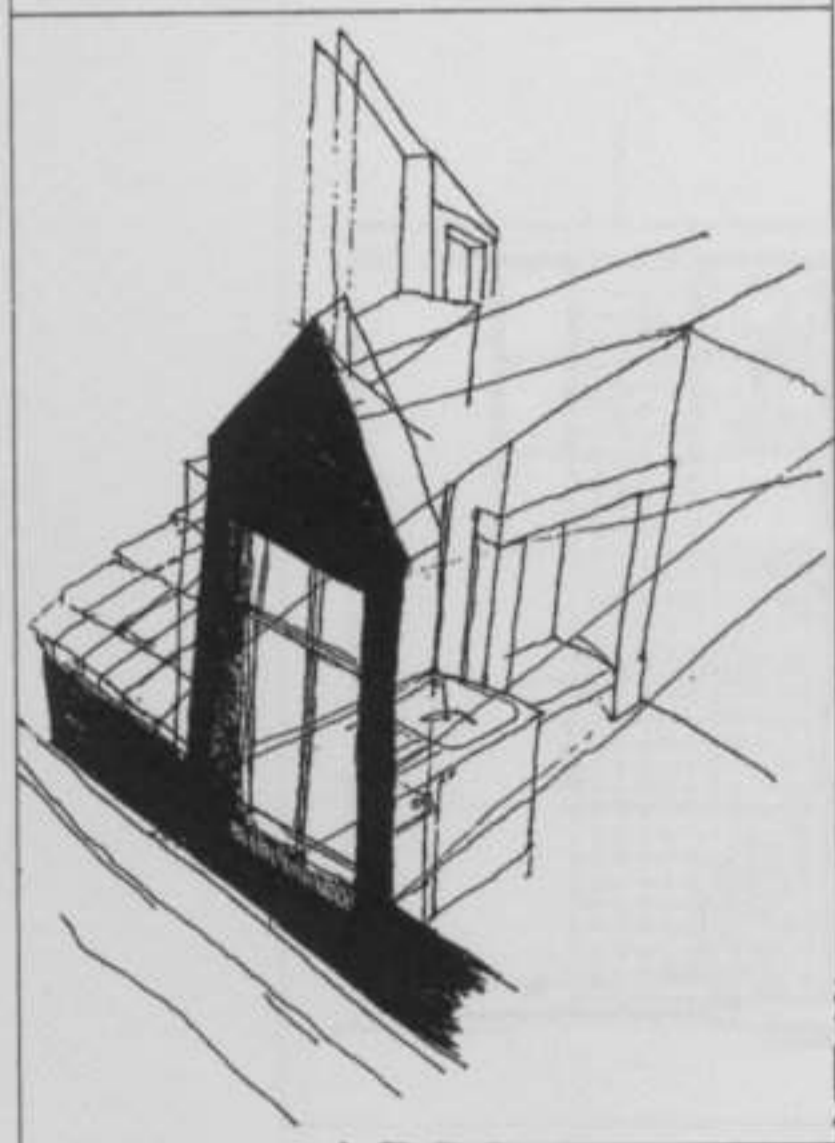
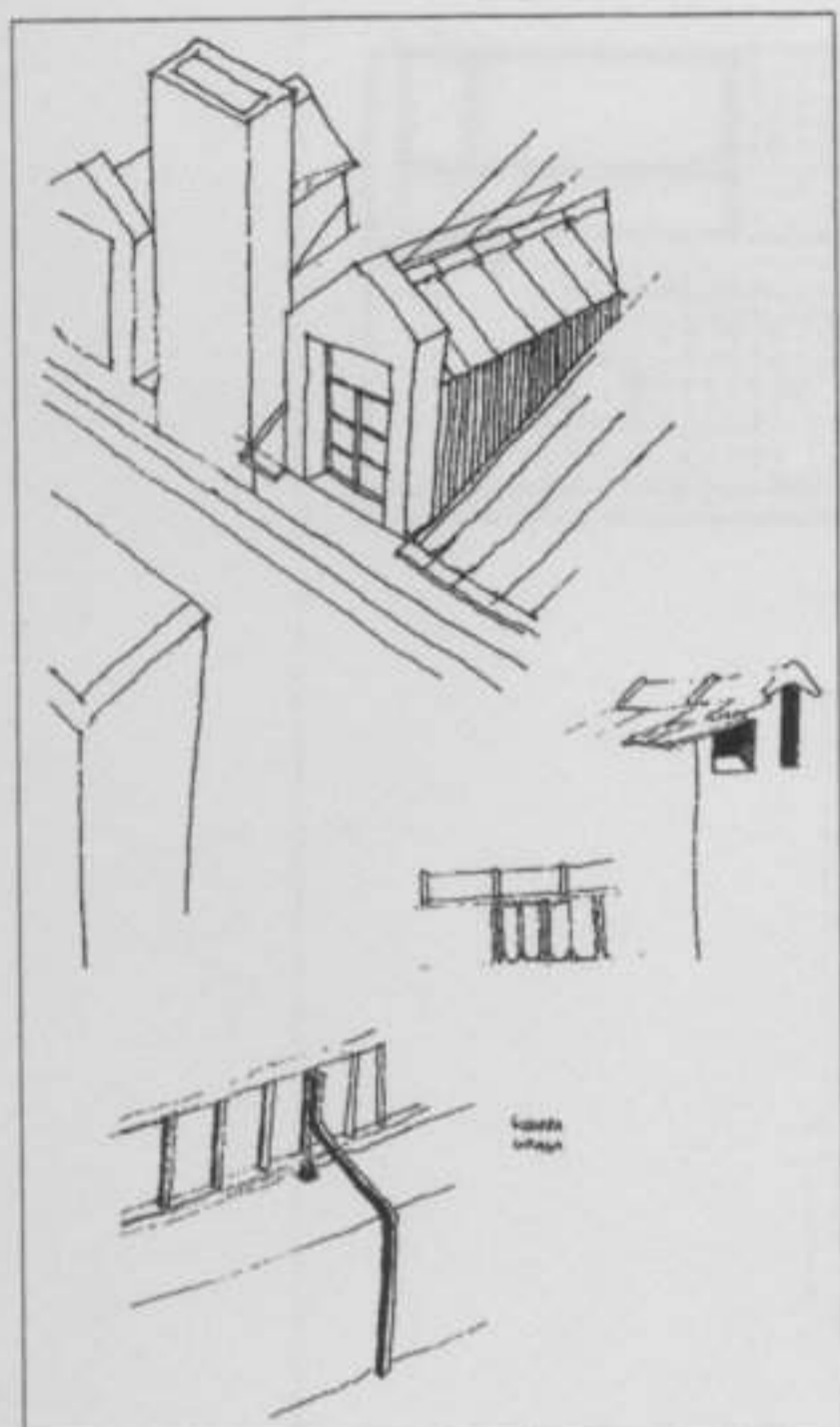


5

OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
 LOCAL: RUA DA PAZ, 60/62, LISBOA

COORDENADOR: CRISTINA SALVADOR
 EQUIPA: FERNANDO BAGULHO, JOANA ROSAS, GILBERTO OLIVEIRA, FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
 FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO
 DATA: FEVEREIRO 1999 / MARÇO 1999

ASSUNTO: MANSARDAS: ESTUDOS, FOTOGRAFIAS DO EXISTENTE, NOVA SOLUÇÃO (REDUÇÃO DE DESENHO À ESCALA 1:5)

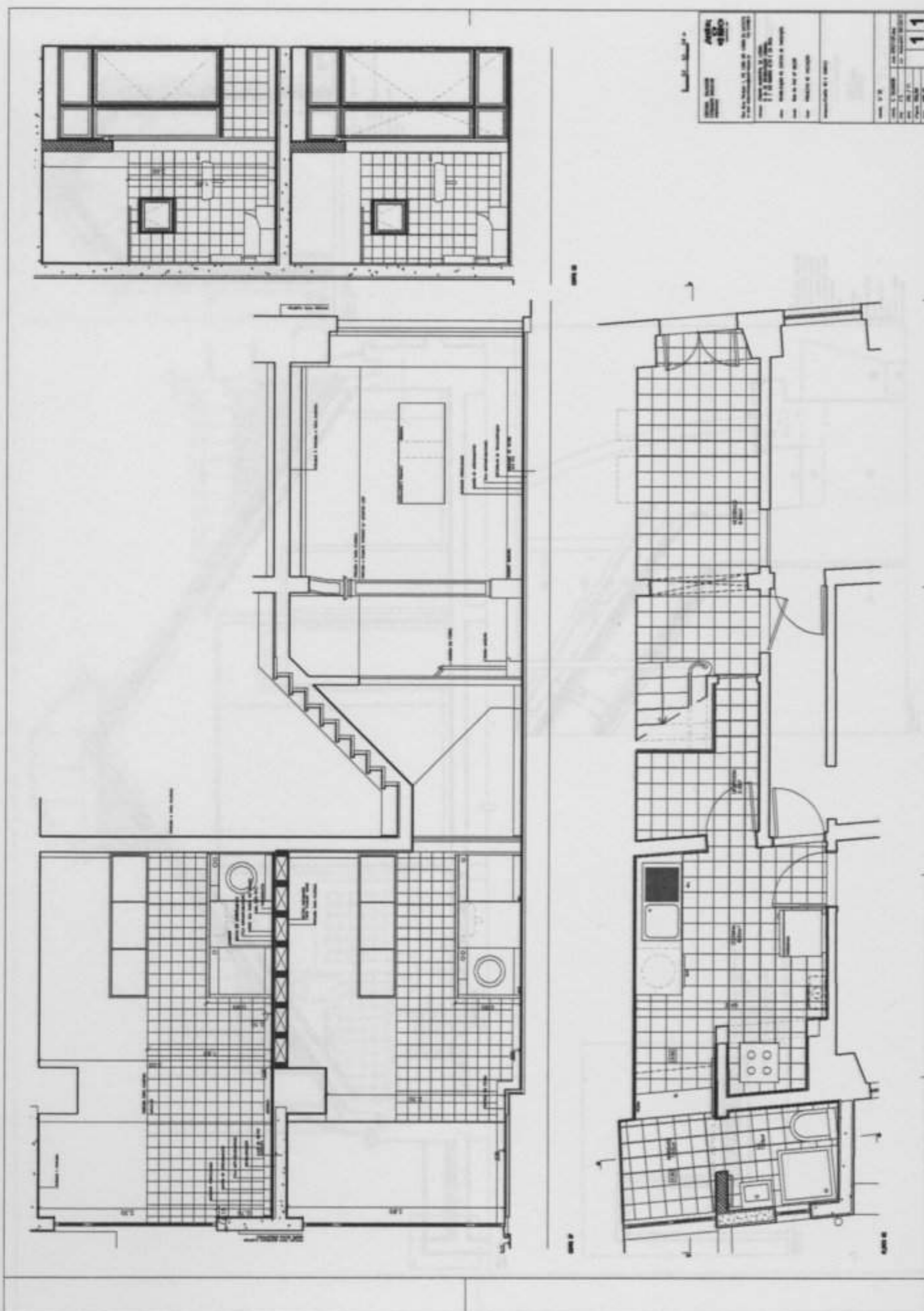


- | | | | |
|----------------------------|---|------------------------|--------------------|
| ① TECTO EM GESSO CARTONADO | ② PAINEL COMPOSTO
POLIESTIRENO EXTRUDIDO C/ FIBRAS EM VRDC | ③ DORMA ONDULADA | ④ TELHA MANSARDINA |
| ② VRDC | | ④ ESTRUTURA EM MADEIRA | ⑤ ALUFO |

OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
LOCAL: RUA DA PAZ, 60/62, LISBOA
FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO

COORDENADOR: CRISTINA SALVADOR
EQUIPA: FERNANDO BAQUILHO, JOANA ROSAS, GILBERTO OLIVEIRA, FILIPA TOMAZ E CATARINA SOUSA
DATA: FEVEREIRO 1999 / MARÇO 1999

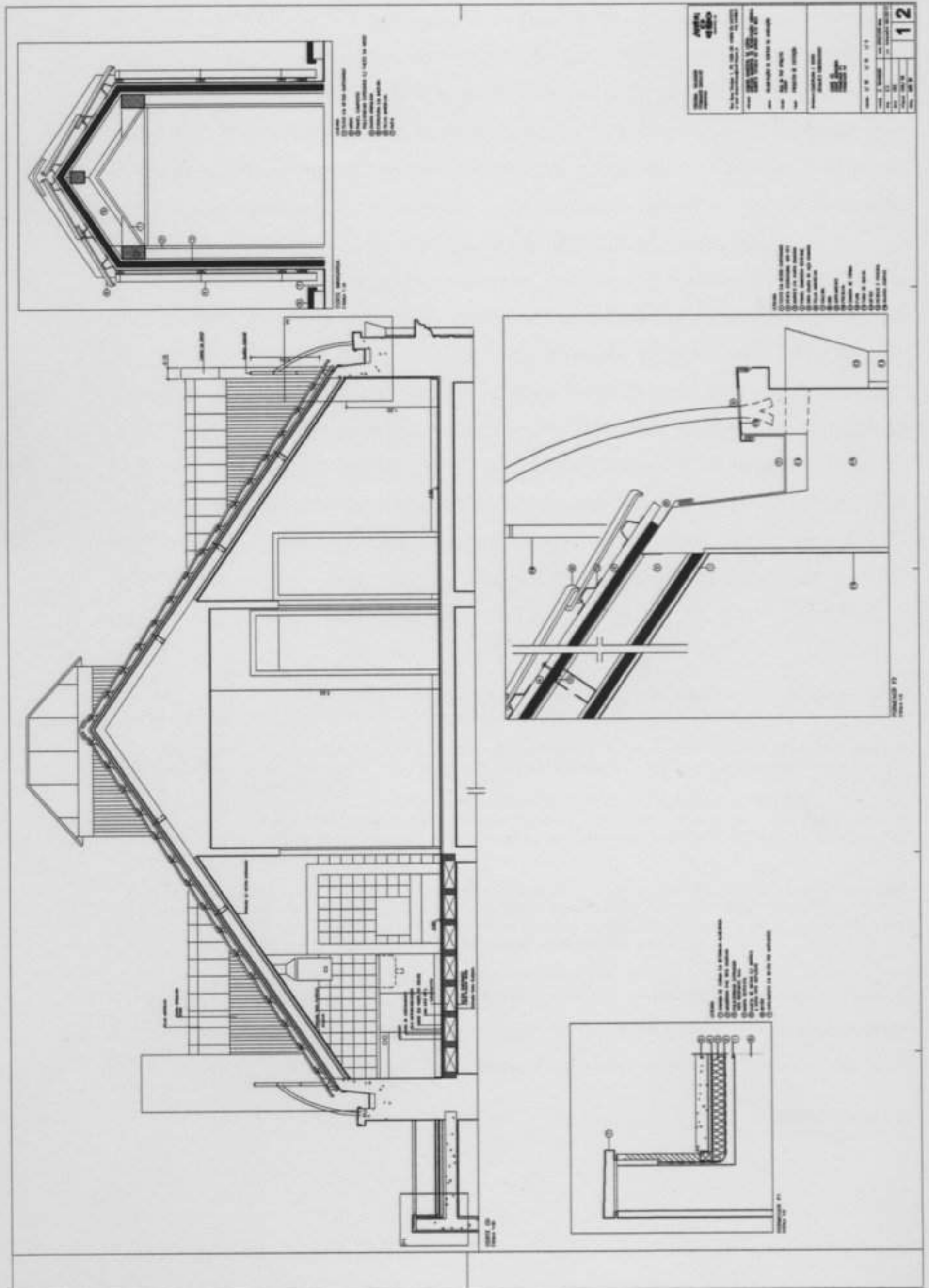
ASSUNTO: DESENHO 11 - PLANTA E CORTES, ESCALA 1:20



OBRA: RESTAURO E ALTERAÇÕES DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO
 LOCAL: RUA DA PAZ, 60/62, USBOA
 FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO

COORDENADOR: CRISTINA SALVADOR
 EQUIPA: FERNANDO BAGULHO, JOANA ROSAS, GILBERTO OLIVEIRA, FILIPA TOMAZ E CATARINA SOUSA
 DATA: FEVEREIRO 1999 / MARÇO 1999

ASSUNTO: DESENHO 12- COBERTURA E SOTÃO: DETALHES CONSTRUCTIVOS, ESCALAS 1:20, 1:10 E 1:5



trabalho: CONCURSO PÚBLICO PARA ELABORAÇÃO DE UM PROJECTO DE COMPLEXO TERMAL
local: FADAGOSA DE NISA



O concurso para as terras de Fadagosa de Nisa desenvolveu-se em duas fases distintas, uma primeira na qual se pôde ver a forma de projecto do local e a segunda a qual se desenvolveu em consequência dos requisitos e condições que se impõem a cada projecto. A primeira fase seguiu a seguinte ordem: a) elaboração do plano geral de implantação do edifício principal do complexo - o complexo termal. De seguida aos princípios do plano geral seguiu a elaboração do plano de implantação do edifício principal que teve em vista a implantação do complexo termal - um plano de implantação que possibilita o aproveitamento e a utilização do terreno e a sua estruturação e a sua organização espacial e funcionalmente adequada a uma forma condizente com o carácter das infra-estruturas locais.

Esta primeira fase teve o objectivo de parte das condições locais e do terreno e do complexo termal. O plano geral do complexo termal e a sua implantação no terreno, são os pontos principais. A escolha do plano geral do complexo termal teve em vista a sua implantação no terreno e a sua organização espacial e funcionalmente adequada a uma forma condizente com o carácter das infra-estruturas locais. A segunda fase do concurso desenvolveu-se em consequência dos requisitos e condições que se impõem a cada projecto. A primeira fase seguiu a seguinte ordem: a) elaboração do plano geral de implantação do edifício principal do complexo - o complexo termal. De seguida aos princípios do plano geral seguiu a elaboração do plano de implantação do edifício principal que teve em vista a implantação do complexo termal - um plano de implantação que possibilita o aproveitamento e a utilização do terreno e a sua estruturação e a sua organização espacial e funcionalmente adequada a uma forma condizente com o carácter das infra-estruturas locais.

Esta primeira fase teve o objectivo de parte das condições locais e do terreno e do complexo termal. O plano geral do complexo termal e a sua implantação no terreno, são os pontos principais. A escolha do plano geral do complexo termal teve em vista a sua implantação no terreno e a sua organização espacial e funcionalmente adequada a uma forma condizente com o carácter das infra-estruturas locais. A segunda fase do concurso desenvolveu-se em consequência dos requisitos e condições que se impõem a cada projecto. A primeira fase seguiu a seguinte ordem: a) elaboração do plano geral de implantação do edifício principal do complexo - o complexo termal. De seguida aos princípios do plano geral seguiu a elaboração do plano de implantação do edifício principal que teve em vista a implantação do complexo termal - um plano de implantação que possibilita o aproveitamento e a utilização do terreno e a sua estruturação e a sua organização espacial e funcionalmente adequada a uma forma condizente com o carácter das infra-estruturas locais.

Fadagosa de Nisa, 1977
Escritório de Arquitectura



O concurso para as termas da Fadagosa de Nisa desenvolveu-se em duas fases distintas: uma primeira na qual apenas uma parte da equipa de projecto do atelier esteve envolvida e uma segunda a que se juntaram os restantes elementos e na qual se inclui a minha participação. À data deste segundo arranque o projecto tinha já um coração, uma ideia de implantação do edifício principal do conjunto - o balneário termal. De encontro aos princípios por este gerados traçou-se então naquele território acidentado o resto do sistema que resolvia a implantação dos restantes edifícios - um ducto estruturante que possibilitava o acesso nivelado a todos os equipamentos próprios de uma estância termal e simultaneamente resolvia de uma forma económica o percurso das infra-estruturas técnicas.

Neste processo coube-me o estudo de parte dos equipamentos hoteleiros do complexo termal. O programa previa um aparthotel e alguns equipamentos (restaurante, sala comum, piscina). A solução propôs um conjunto de apartamentos em banda, com cota de soleira nivelada pelo ducto atrás referido; as restantes áreas de apoio localizaram-se por baixo dos apartamentos, gozando de um contacto mais próximo com a cota natural do terreno. A peça do concurso que ficou sob a minha responsabilidade fazia parte do desenho 4 que continha a totalidade do projecto desenvolvido pela equipa. Dada a extensão da proposta, o desenho, na escala 1:500, teve de ser trabalhado em duas folhas A1 que se juntaram no momento da impressão.

"A solução estudada em Programa Base resolve em termos formais as principais questões colocadas pelo relevo e "desencrava" funcionalmente o sistema de relações entre os componentes do complexo termal.

Sendo certo que entre os utentes aquistas abundam os problemas motores, seria no mínimo perverso, criar um sistema que os obrigasse, tal como hoje, a subir e descer montes e vales para poder usufruir os diversos equipamentos que se lhe oferece.

O projecto propõe um modo Romano de entender paisagem e o centro principal de atracção, o balneário.

A primeira é estruturada por uma ligação colina a colina, transversal à ribeira, do tipo aqueduto, que coloca todos os equipamentos principais nivelados (parque de campismo, parque de merendas, aparthotel, balneário e internamento) desencravando funcionalmente o complexo.

O segundo é entendido como um palácio latino, forma abstracta na paisagem lítica, centro convívial de modo mediterrâneo, com espaço-gruta central, aberto para a mais forte representação dramática executada pelos ciclópicos blocos de granito e com eles definindo o ambiente de praça, de lugar de maior urbanidade, fechada a Sul pelo bloco de internamento, a Nascente pelo balneário e a Norte/Poente pelo afloramento ciclópico.

O SISTEMA CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DUTO-CAMINHO- "AQUEDUTO"

Afirma a clareza, simplicidade e economia de meios utilizados para assegurar a implantação da estrutura ao longo da ocupação.

Denuncia o território vírgem iniciador/definidor de lugares, urgência da sua plasticidade formal, para lá do seu sabor abstracto

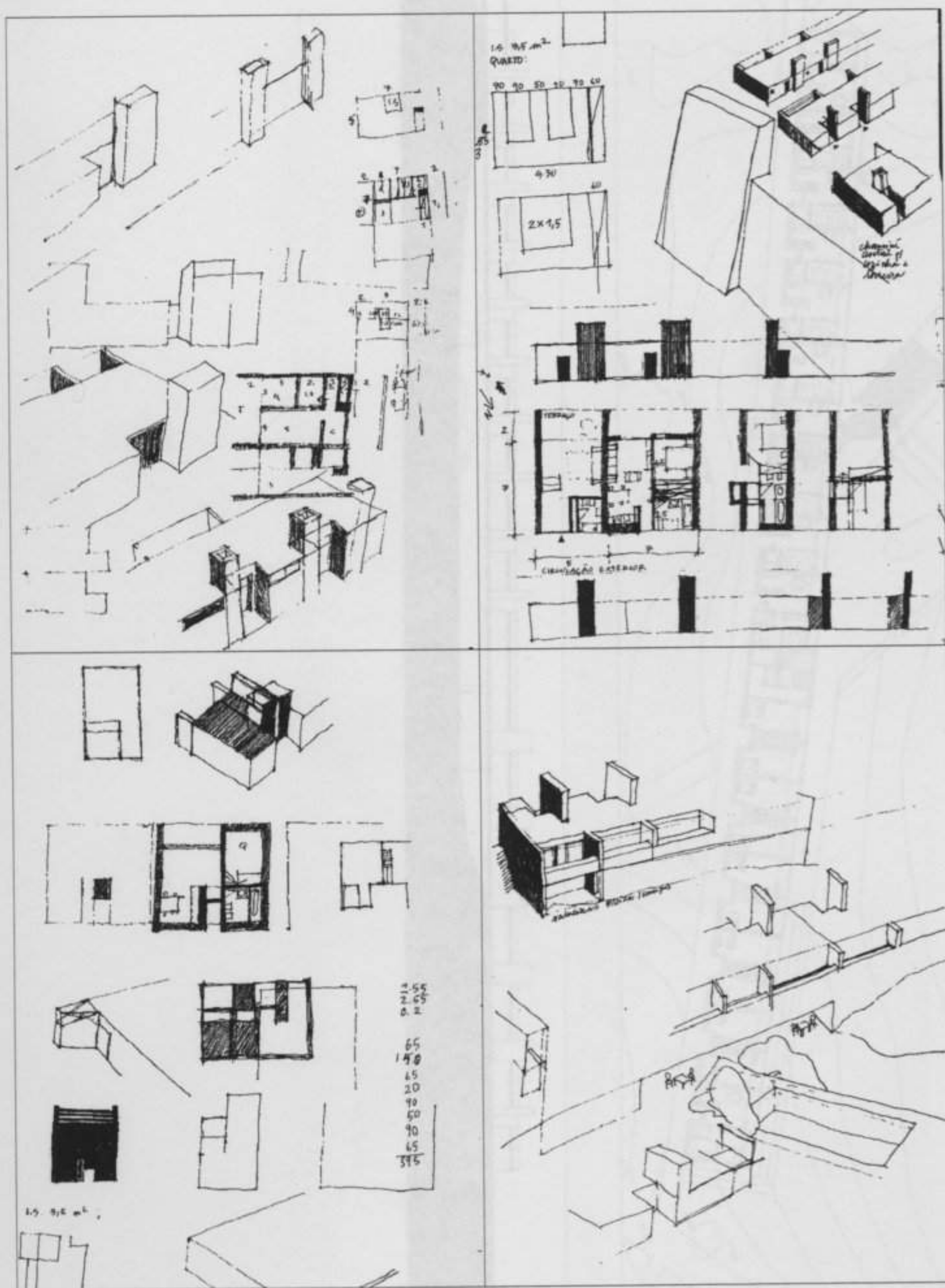
Assenta no território obedecendo a regras estritamente abstractas (declives, drenagens, desgaste, segurança, limpeza, inclinações máximas....) e económicas. (...)"

Fernando Bagulho
[excerto da Memória Descritiva]

TRABALHO: CONCURSO PÚBLICO PARA ELABORAÇÃO DE UM COMPLEXO TERMAL
LOCAL: FADAGOSA DE NISA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: C. SALVADOR, J. ROSAS, N. SILVA, G. OLIVEIRA, B. PAIS, F. TOMAZ, C. SOUSA
FASE: CONCURSO PÚBLICO
DATA: MARÇO 1999

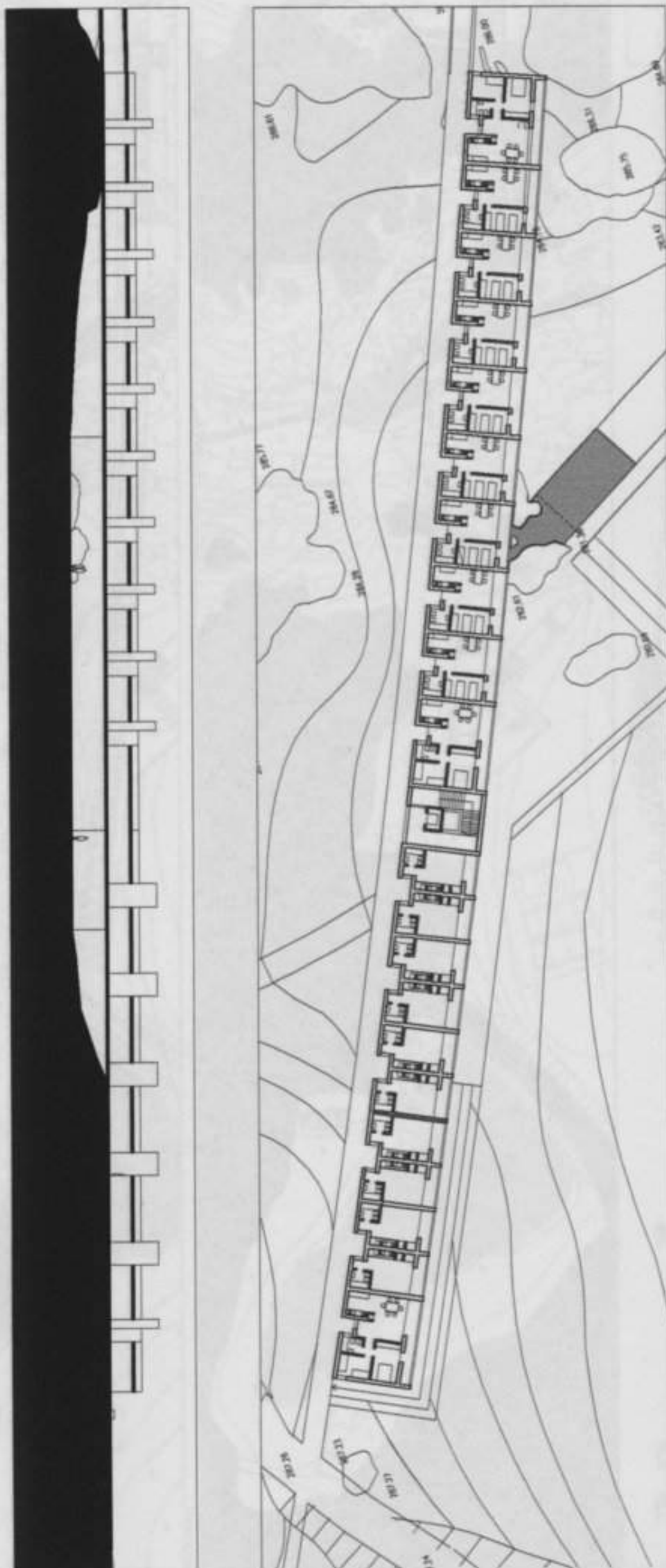
ASSUNTO: ESTUDOS PARA APARTHOTEL



OBRA: CONCURSO PÚBLICO PARA ELABORAÇÃO DE UM PROJECTO DE COMPLEXO TERMAL
LOCAL: FADAGOSA DE NISA
FASE: CONCURSO

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: CRISTINA SALVADOR, JOANA ROSAS, NUNO DA SILVA, GILBERTO OLIVEIRA, BERNARDO PAIS, FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
DATA: MARÇO 1999

ASSUNTO: CONJUNTO DE APARTAMENTOS
PLANTA E ALÇADO



TRABALHO: CONCURSO PÚBLICO PARA ELABORAÇÃO DE UM PROJECTO DE COMPLEXO TERMAL
LOCAL: FADAGOSA DE NISA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO

EQUIPA: CRISTINA SALVADOR, JOANA ROSAS, NUNO DA SILVA, GILBERTO OLIVEIRA, BERNARDO PMS, FILIPA TOMAZ, CATARINA SOUSA
DATA: MARÇO 1999

ASSUNTO: DESENHO 4 - DESENHO DO CONJUNTO, ORIGINAL A ESCALA 1/500



obra: ALTERAÇÃO DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO E COMÉRCIO
local: RUA DE AVIZ, TORNEJANDO COM O BECO DA FORÇADA, ÉVORA
fase: PROJECTO DE LICENCIAMENTO CAMARÁRIO

A presente proposta de projecto de alterações do edifício da Rua de Aviz, situado no centro histórico de Évora, tem como objectivo a preparação e conjunto de peças técnicas e documentadas, destinadas à apresentação do licenciamento camarário.

A presente proposta de projecto tem como objectivo a apresentação de um conjunto de alterações ao edifício da Rua de Aviz, situado no centro histórico de Évora, tendo em vista a melhoria das condições de habitabilidade e a conservação do património histórico.

Este projecto tem como objectivo a melhoria das condições de habitabilidade e a conservação do património histórico, através da alteração do edifício da Rua de Aviz, situado no centro histórico de Évora, tendo em vista a melhoria das condições de habitabilidade e a conservação do património histórico.

Trata-se de um projecto de alterações de mesmo tipo efectuado no edifício e que se encontra em fase de preparação, tendo em vista a melhoria das condições de habitabilidade e a conservação do património histórico, através da alteração do edifício da Rua de Aviz, situado no centro histórico de Évora, tendo em vista a melhoria das condições de habitabilidade e a conservação do património histórico.

1.1. Objectivos

1.1.1. Melhorar as condições de habitabilidade

1.1.2. Conservar o património histórico

1.1.3. Melhorar a estética

1.1.4. Melhorar a segurança

1.1.5. Melhorar a eficiência energética e reduzir o EDP

1.1.6. Melhorar as condições de acesso, circulação e estacionamento do edifício em relação ao exterior

1.1.7. Melhorar a segurança e a higiene, através da melhoria das condições de acesso e circulação



A minha participação no projecto de alterações do edifício da Rua de Aviz, situado no centro histórico de Évora consistiu essencialmente em preparar o conjunto de peças escritas e desenhadas constituem o processo de licenciamento camarário.

A solução de projecto já havia sido encontrada para a apresentação de um pedido de viabilidade da alteração à Câmara Municipal de Évora. Nesta fase foram feitos pequenos acertos da solução anterior, sem prejuízo da mesma.

Pude registar a forma como se desenrolam estes processos que exigem alguma atenção, particularmente em edifícios situados em centros históricos, dado o grande número de condicionalismos para além dos regulamentos gerais.

Tomando como modelo outros processos do mesmo tipo existentes no atelier e sob a orientação do coordenador do projecto, redigi parte dos documentos exigidos⁽¹⁾ tendo em conta as especificidades do projecto, preenchi formulários municipais requeridos⁽²⁾ e preparei as três peças desenhadas de apresentação obrigatória - levantamento do existente, plano de alterações e solução.

(1) Peças escritas:

1-Memória Descritiva e Justificativa

2-Estimativa de custos da obra

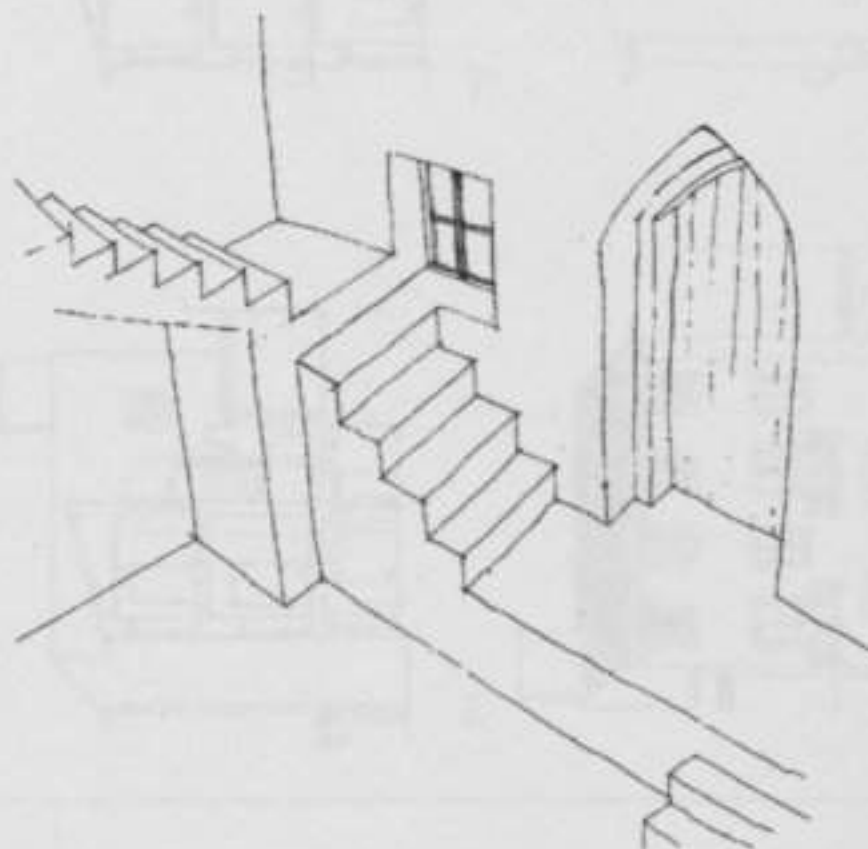
3-Cronograma da obra

4-Mapa de acabamentos

5-Justificativo da previsão de potência a instalar/ EDP

6-Justificativo da não apresentação do projecto térmico e estudo do comportamento do edifício em relação ao ruído

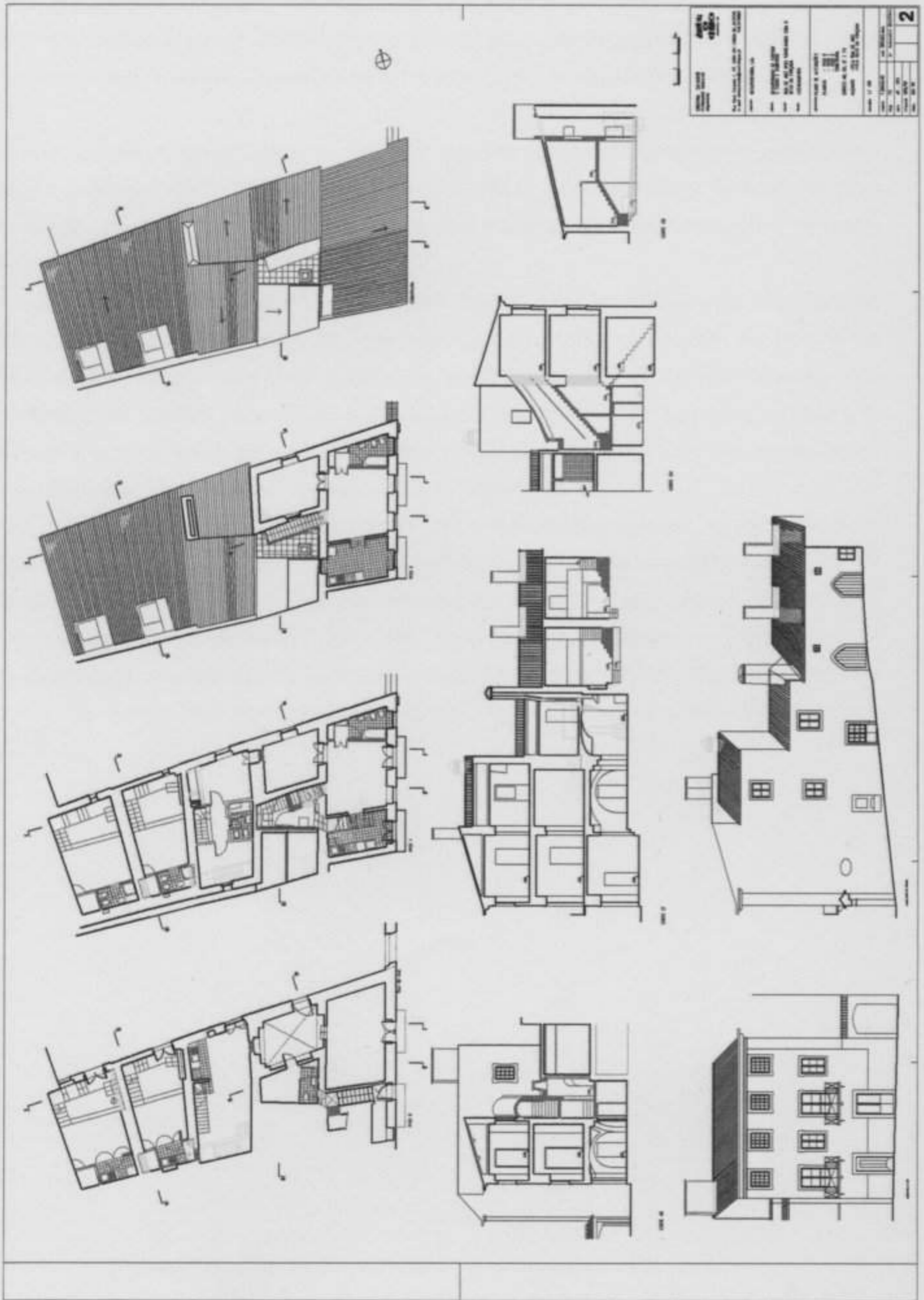
(2) Relativos a áreas (úteis, brutas, de implantação), volumetria, cérceas e nº de pisos.



OBRA: ALTERAÇÃO DE EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO E COMÉRCIO
LOCAL: RUA DE AVIZ, N.º 63 TORNEJANDO COM O BECO DA FORÇADA N.º 1, 3 E 5 - Évora
FASE: LICENCIAMENTO CAMARÁRIO

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: JOANA ROSAS, CATARINA SOUSA
DATA: MAIO 1999

ASSUNTO: DESENHO 2 - PLANO DE ALTERAÇÕES



obra: **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CABINDA: CENTRO DE APOIO/ ÁREA SOCIAL**

local: **CABINDA, ANGOLA**

fases: **ESTUDO PRÉVIO, PROJECTO DE EXECUÇÃO**

Foi-lhe de um edifício para abrigar os serviços de apoio (biblioteca, centro de informática, cozinha e refeitório) e áreas de convívio para uma instituição universitária num país africano. Acompanha este a área de desenvolvimento deste trabalho, suscitado pelo arquitecto Fernando Dutra.

Para um edifício para um país e um contexto tão diferentes dos de Portugal convém à partida objecto de grande curiosidade, alimentada pela experiência de quem já teve a oportunidade de os ver na paisagem. O edifício começou por ser um volume branco, quase opaco, por exigências do programa, com uma grande cobertura transparente projectada, através projectos das estruturas tropicais.

Nesta segunda fase considerou-se importante a criação de uma segunda pele para o edifício de forma a permitir que todos os espaços, mesmo a sala de informática, possuíssem espaço de abertura para exterior de forma natural através desse filtro e de garantia de ventilação, aspecto fundamental enquanto edifício, dada as condições do seu clima.

Para o desenvolvimento do trabalho foi também necessário incorporar alguns aspectos de programa inicial e de um curso de sustentabilidade para pessoas de mobilidade reduzida. Serão por isso localizadas as áreas de convívio, com uma grande sala envidraçada para fabrico de convívio, uma zona exterior coberta (uma espécie de pequeno anfiteatro para desconspensão) e um bar de apoio. O plano também abrange a sala de informática e uma biblioteca com repositório. No todo, um volume branco, com a terra de sustentação, sendo de vidro e de aço a ligação dos volumes.

A participação neste trabalho que, ao contrário dos anteriormente referidos, é um projecto de edifício (não apenas um estudo que se limitasse a um regime administrativo, permissivo e tempo de desenvolvimento mínimo sem problema de projecto associado a um clima tropical (sol, temperatura de protecção do sol, de chuva e de calor). Para além disso há ainda importante o diálogo com os engenheiros dos cálculos e, relativamente ao desenho, a observação do tipo de informação adequada à fase e à escala 1:100. Apesar de já se encontrarem definidos os princípios estruturais, o trabalho ainda não está concluído.

Trata-se de um edifício para albergar os serviços de apoio (biblioteca, centro de informática, papelaria e reprografia) e áreas de convívio para uma instituição universitária num país africano. Acompanhei desde o início o desenvolvimento deste trabalho, coordenado pelo arquitecto Fernando Bagulho.

Pensar um edifício para um clima e um contexto tão diferentes dos de Portugal constitui à partida objecto de imensa curiosidade, alimentada pela experiência de quem já teve a oportunidade de os sentir na pele. O edifício começou por ser um volume branco, quase opaco, por exigências do programa, com uma grande cobertura francamente projectada, chapéu protector das enxurradas tropicais.

Numa segunda fase considerou-se importante a criação de uma segunda pele para o edifício de forma a permitir que todos os espaços, mesmo a sala de informática, pudessem dispor de aberturas para entrada de luz natural através desse filtro e de garantia de ventilação, aspecto fundamental naquelas latitudes, dadas as características do seu clima.

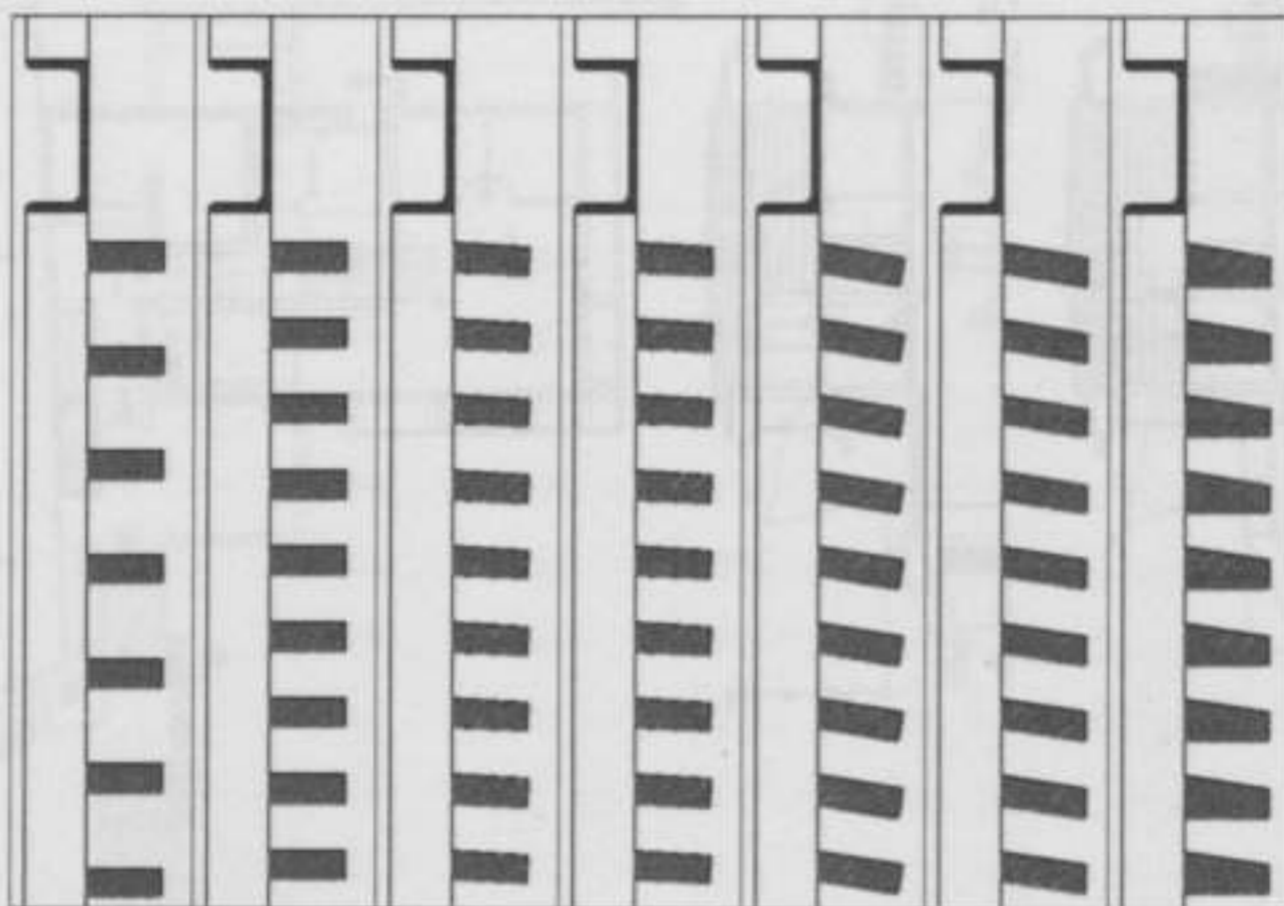
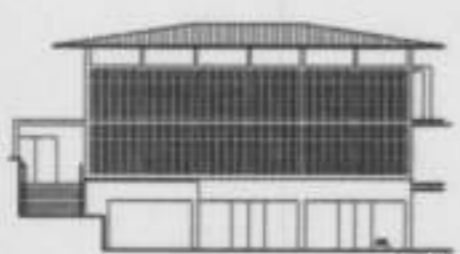
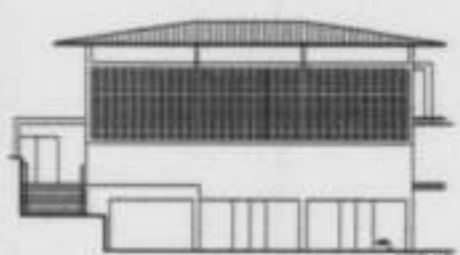
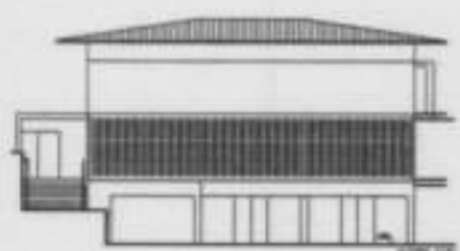
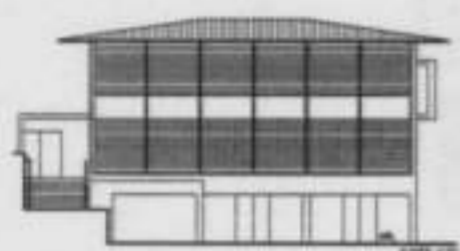
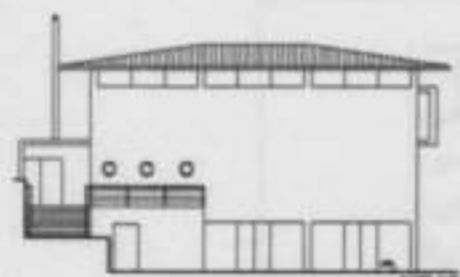
Com o desenvolvimento do trabalho foi também necessário repensar alguns aspectos do programa inicial e ter em conta a acessibilidade para pessoas de mobilidade reduzida. No piso térreo localizam-se as áreas de convívio, com uma grande sala envidraçada (para estudo ou convívio), uma área exterior coberta (uma espécie de pequeno anfiteatro para descompressão) e um bar de apoio. O piso central alberga a sala de informática e uma papelaria com reprografia. No topo, um amplo salão, sala de leitura ou biblioteca, longe do ruído e da agitação dos anteriores.

A participação neste trabalho que, ao contrário dos anteriormente referidos, é um projecto de raiz (não implicando assim que se trabalhasse sobre um registo existente), possibilitou o reforço de conhecimentos relativos aos problemas de projecto associados a um clima tropical (sobre necessidades de protecção da luz, da chuva e do calor). Para além disso foi ainda importante o diálogo com os engenheiros das estruturas e, relativamente ao desenho, a observação do tipo de informação adequada à fase e à escala 1:100. Apesar de já se encontrarem definidos os princípios essenciais, o trabalho ainda não está concluído.

OBRA: SERVIÇOS DE APOIO E ÁREA SOCIAL
LOCAL: PÓLO UNIVERSITÁRIO DE CABINDA, ANGOLA

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: CATARINA SOUSA
FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO
DATA: MAIO 1999 / JULHO 1999

ASSUNTO: 1- ESTUDOS PARA SISTEMA ENSOMBAMENTO
2- ESTUDOS À ESCALA NATURAL PARA GRELHA DE ENSOMBAMENTO EM MADEIRA COM ESTRUTURA METÁLICA



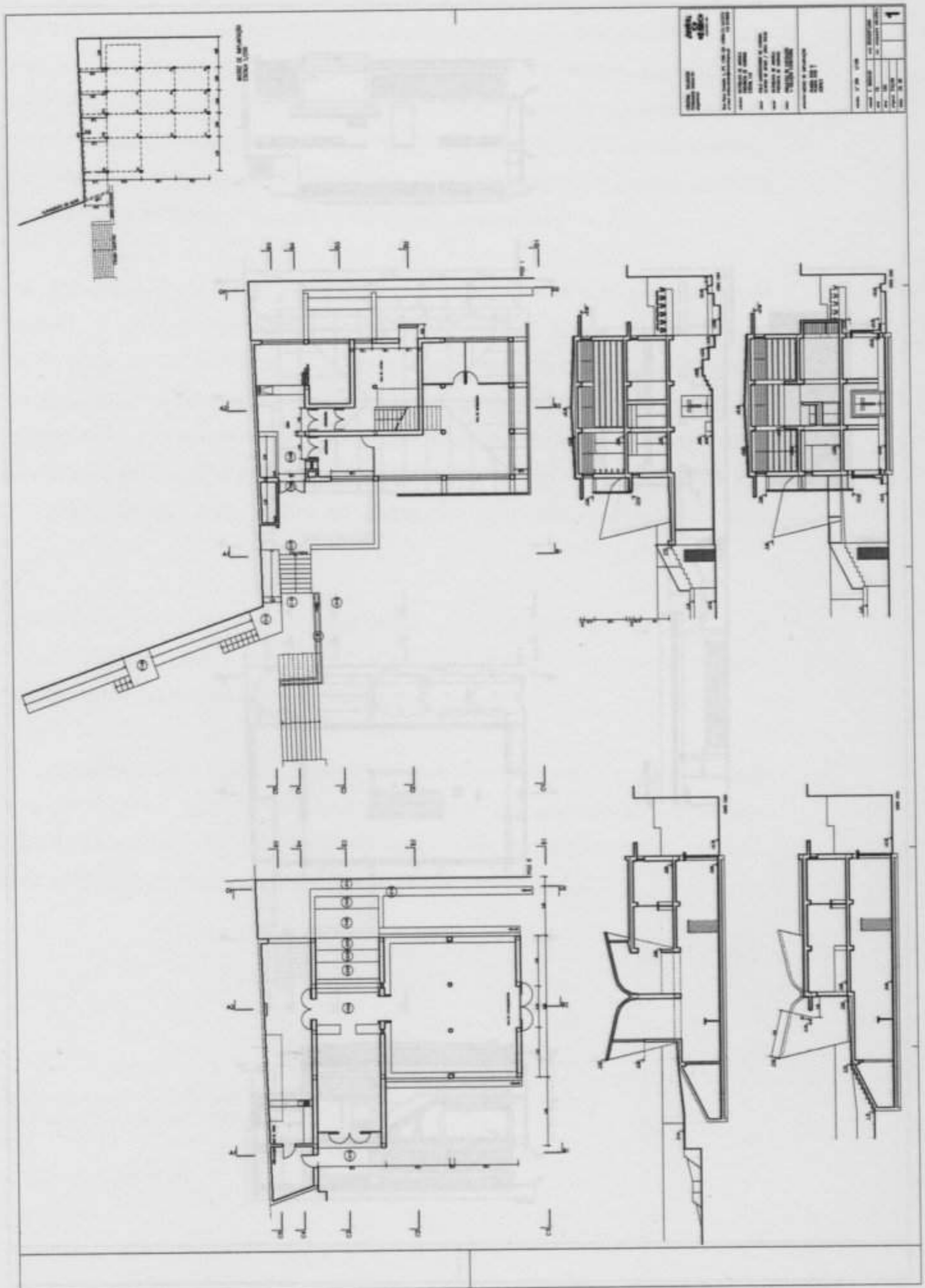
2.

1.

OBRA: CENTRO DE APOIO E ÁREA SOCIAL
LOCAL: PÓLO UNIVERSITÁRIO DE CABINDA, ANGOLA
FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
EQUIPA: CATARINA SOUSA
DATA: MAIO 1999 / JULHO 1999

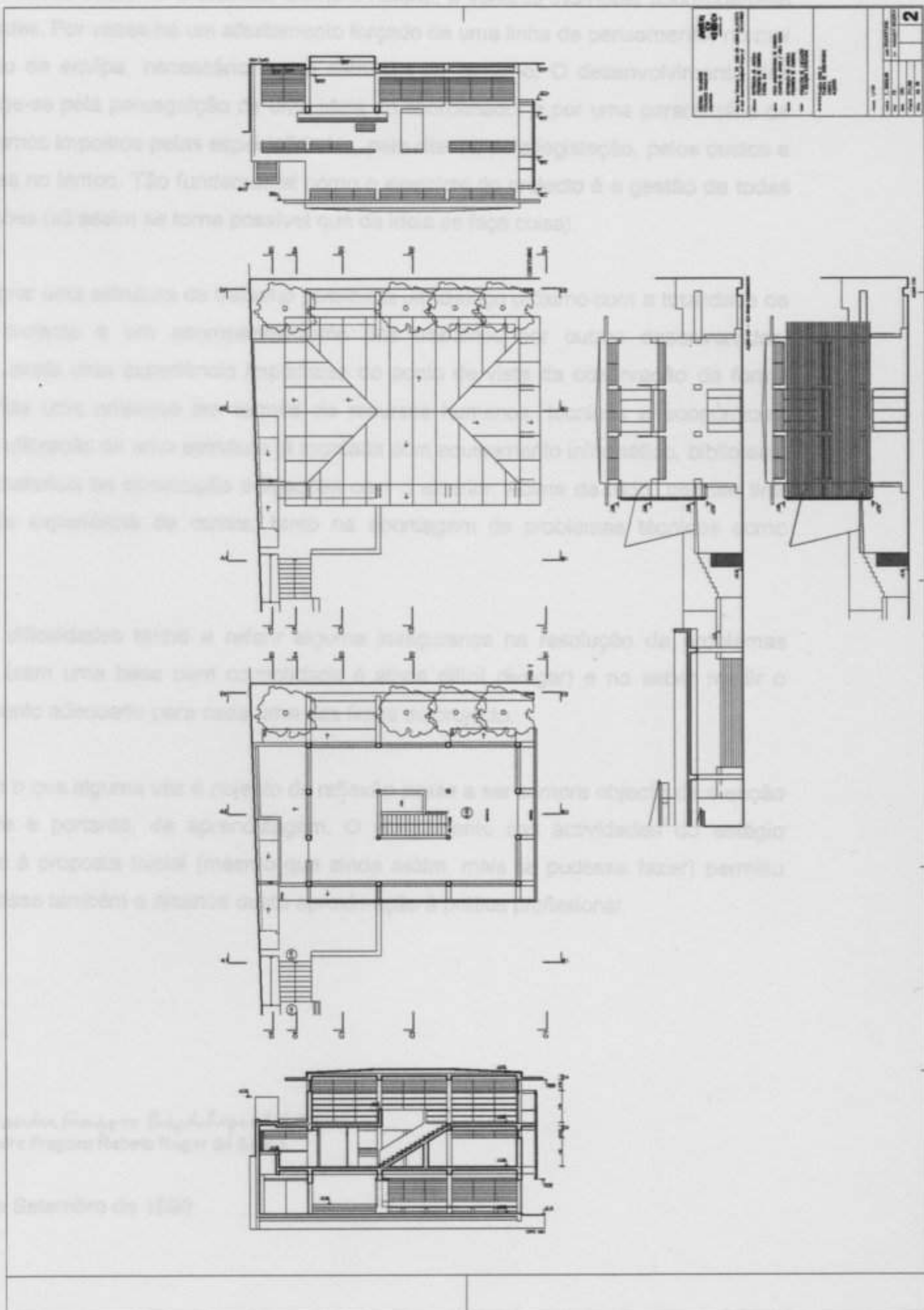
ASSUNTO: DESENHO 1 MATRIZ DE IMPLANTAÇÃO
PANTAS E CORTES



OBRA: CENTRO DE APOIO E ÁREA SOCIAL
 LOCAL: PÓLO UNIVERSITÁRIO DE CABINDA, ANGOLA
 FASE: PROJECTO DE EXECUÇÃO

COORDENADOR: FERNANDO BAGULHO
 EQUIPA: CATARINA SOUSA
 DATA: MAIO 1999 / JULHO 1999

ASSUNTO: DESENHO 2
 PLANTAS, CORTES, ALÇADOS



CONCLUSÃO

"É preciso que o homem se sinta limitado nas suas possibilidades, nos seus projectos e sentimentos, por toda a espécie de preconceitos, de tradições, entraves e limitações, como um louco dentro de uma camisa de forças, para que aquilo que ele realiza possa ter valor, duração e maturidade."

Musil, Robert, *O Homem Sem Qualidades*, vol. I, Lisboa, s.d., Livros do Brasil

A prática profissional conduz para a realidade a experiência acumulada durante o percurso académico. Esta transição constitui a passagem para uma actividade processada num tempo e modo bastante diferentes. Como é natural, à vontade individual sobrepõem-se outras vontades. Por vezes há um afastamento forçado de uma linha de pensamento, normal num trabalho de equipa, necessário numa estrutura de trabalho. O desenvolvimento dos trabalhos rege-se pela perseguição de uma ideia do coordenador e por uma parafernália de condicionalismos impostos pelas especialidades, pelo cliente, pela legislação, pelos custos e por limitações no tempo. Tão fundamental como o exercício do projecto é a gestão de todas estas limitações (só assim se torna possível que da ideia se faça coisa).

Integrar uma estrutura de trabalho possibilita um diálogo próximo com a totalidade da equipa de projecto e um acompanhamento dos trabalhos por outros desenvolvidos. Proporciona ainda uma experiência importante do ponto de vista da observação da forma como é gerida uma empresa em termos de recursos humanos, técnicos e económicos. Possibilita a utilização de uma estrutura já montada com equipamento informático, biblioteca, arquivo de materiais de construção e ligações com o exterior. Acima de tudo, permite tirar benefícios da experiência de outros, tanto na abordagem de problemas técnicos como teóricos.

Das dificuldades tenho a referir alguma insegurança na resolução de problemas construtivos (sem uma base bem consolidada é ainda difícil divagar) e no saber medir o desenvolvimento adequado para cada uma das fases do projecto.

Tudo o que alguma vez é objecto de reflexão passa a ser sempre objecto de atenção e curiosidade e portanto, de aprendizagem. O alargamento das actividades do estágio relativamente à proposta inicial (mesmo que ainda assim, mais se pudesse fazer) permitiu que se alargasse também o alcance desta aproximação à prática profissional.

A estagiária,

Catarina Alexandra Fragoso Rebelo Roger de Sousa
Catarina Alexandra Fragoso Rebelo Roger de Sousa

Lisboa, 30 de Setembro de 1999

